JUZELLY FERNANDES BARRETO MOREIRA
MAGDA RENATA MARQUES DINIZ
MAYARA KEDNA DUARTE DE SOUZA
(Organizadoras)

CONTANDO E CRONICANDO SOBRE NOSSA VIDA ESCOLAR



editoraifrn

JUZELLY FERNANDES BARRETO MOREIRA
MAGDA RENATA MARQUES DINIZ
MAYARA KEDNA DUARTE DE SOUZA
(Organizadoras)

CONTANDO E CRONICANDO SOBRE NOSSA VIDA ESCOLAR

editoraifrn
NATAL, 2026

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação
Leonardo Osvaldo Barchini Rosa

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Marcelo Bregagnoli

INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte

Reitor
José Arnóbio de Araújo Filho

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação
Francinaide de Lima Silva Nascimento

Diretora de Comunicação Científica
Magda Renata Marques Diniz

Conselho Editorial

Alba Valéria Saboia Teixeira Lopes
Alison Pereira Batista
Alana Driziê Gonzatti dos Santos
Albéris Eron Flávio de Oliveira
Airton Araújo de Souza Júnior
Amilde Martins da Fonseca
Bruno Balbino Aires da Costa
Cedrick Cunha Gomes da Silva
Cláudia Battestin
Elisabete Pianco de Sousa
Ênio Fernandes Amorim
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Jobson Martins da Silva Maranhão
Joicy Suely Galvão da Costa
José Everaldo Pereira
José Geraldo Bezerra Galvão Júnior
José Soares Batista Lopes
Julie Thomas
Kaline Andreza de França Correia Andrade
Leonardo Alcântara Alves
Luciana Maria Araújo Rabelo
Magda Renata Marques Diniz
Marilson Donizetti Silvino
Moisés Llopis i Alarcón
Paula Ivani Medeiros dos Santos
Paulo Augusto de Lima Filho
Pedro Felipe de Lima Henrique
Ramon Evangelista dos Anjos Paiva
Rômulo Magno Oliveira de Freitas
Tacicleide Dantas Vieira
Vanilton Pereira da Silva

Projeto gráfico, diagramação e capa
Charles Bamam Medeiros de Souza

Revisão linguística
Jucely Regis dos Anjos Silva

Prefixo editorial: Editora IFRN
Linha editorial: Artístico-literária

Disponível para *download* em:
http://memoria.ifrn.edu.br

editoraifrn

Contato
Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol, Natal – RN, CEP: 59015-300
Telefones: (84) 4005-0763 | (84) 4005-0863 | E-mail: editora@ifrn.edu.br



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Norte – IFRN
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi

C759 Contando e cronicando sobre nossa vida escolar [livro eletrônico] / Juzelly Fernandes Barreto Moreira, Magda Renata Marques Diniz, Mayara Kedna Duarte de Souza (Organizadoras). – Natal : IFRN, 2026.
153 p. ; il ; PDF

ISBN: 978-85-8333-348-7

1. Crônicas. 2. Educação – Cotidiano escolar. 3. Narrativas de vida. 4. Língua portuguesa – Prática de leitura. I. Moreira, Juzelly Fernandes Barreto. II. Diniz, Magda Renata Marques. III. Souza, Mayara Kedna Duarte de. IV. Título.

IFRN / SIBi CDU 82-94

Elaborada pela Bibliotecária
Marise Lemos Ribeiro – CRB-15/418

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.

A CRÔNICA: ENTRE O EFÊMERO E O PERENE

[A crônica] não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava [...]. No caso da crônica, talvez como prêmio por ser tão despretensiosa, insinuante e reveladora. E também porque ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo com que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus próprios valores.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. *In*: **Para gostar de ler**: crônicas. São Paulo: Ática, 1992. v. 5, p. 6.

PREFÁCIO

HISTÓRIAS DE VIDA REFLETIDAS NAS CORES DO TEMPO E NA POESIA DA ESCOLA

Sinto-me privilegiada ao ser escolhida para escrever o prefácio deste livro, visto que essas e esses jovens escribas foram meus alunos e muito me orgulha vê-los progredindo em suas vidas acadêmicas; portanto, é uma honra para mim.

Para Paulo Freire, tanto a leitura quanto a escrita são práticas sociais fundamentais para o desenvolvimento cognitivo dos seres humanos, pois além de trazerem o conhecimento para nossas vidas, proporcionam nosso desenvolvimento intelectual e, sobretudo, aguçam nossa imaginação. E é no espaço escolar que vemos essas possibilidades de leitura e de escrita se expandirem, visto que os atos de ler e de escrever exigem muito do intelecto dos estudantes, e eles assumem diante do que leem e do que escrevem uma postura crítica como sujeitos cheios de curiosidade, ativos e em processo de conhecimento, de diálogos.

Como todo discurso é dialógico, percebemos na escrita dos contos e das crônicas deste livro o diálogo das jovens e dos jovens escritores com várias situações, trazendo para seus textos experiências de vida dentro e fora da escola, comprovando o caráter vivo da linguagem que, a todo tempo e em cada escrito, remete-os a algo dinâmico que envolve experiências apreendidas nos seus cotidianos com as pessoas em seus entornos ou com estranhos em situações inesperadas.

Temos um jovem personagem que tenta deduzir sobre a vida das outras pessoas, esquecendo da sua própria; lemos sobre experiências com sonhos ou com trajetos até a escola;

descrições sobre situações em suas salas de aula e de vivências com seus professores. Essa diversidade de temas e de situações postas nessas páginas permite-nos viajar por vários universos e aguça nossa imaginação, tornando a leitura muito prazerosa.

Uma dupla, de forma poética, ressalta o primeiro dia de aula dos calouros, comparando a escola à uma orquestra:

> O *campus* despertava para mais um dia de aprendizado, onde os calouros animados ganhavam energia. Era como se cada corredor fosse uma caminhada para o palco principal, e os músicos eram os estudantes, ávidos por conhecimento. Em algumas das salas de aula, os professores assumiam seus papéis como regentes de uma orquestra educacional, slides e pilotos, como suas batutas, conduziam os calouros por partituras repletas de notas (Emilly Vitória Duarte de S. Silva e Samuel Cordeiro da Silva).

Em um outro texto, as autoras reconhecem, lindamente, a importância da escola nas vidas dos estudantes:

> A escola é um verdadeiro universo de possibilidades, onde os corredores movimentados testemunham as histórias que se entrelaçam, e os professores atuam como guias nessa jornada de conhecimento. [...] É uma oportunidade para questionar e refletir sobre o mundo ao nosso redor. Nas salas de aula, as vozes ecoam em debates acalorados, desafiando ideias preestabelecidas e despertando consciências adormecidas. [...] A escola nos ensina não apenas conteúdos acadêmicos, mas também lições valiosas sobre resiliência, empatia e autodescoberta. É um espaço onde as diferenças se encontram e se entre-

> laçam, formando uma teia complexa de relações humanas. Nela, somos confrontados com nossos medos, inseguranças e limitações, mas também somos desafiados a superá-los, a buscarmos nosso máximo potencial. [...] é um microcosmo da vida, um lugar onde crescemos, aprendemos e nos transformamos (Maria Alice C. Silva e Raissa Kauany S. de Andrade).

E outra dupla complementa:

> No círculo dessa experiência, estão os aprendizados. Mais que matérias dos livros, é lá que se aprende sobre amizade, resiliência e celebração. São lições que vão além do conteúdo acadêmico... A jornada escolar é um ciclo de descobertas. Cada aluno contribui para a riqueza da comunidade, deixando para trás muito mais do que notas e apelidos. Levam consigo valiosas lições e memórias que os guiarão para além dos muros da escola, preparando-os para a jornada da vida (Andryi Klei S. do Nascimento e Pedro Arthur S. Martins).

Em momentos de plenitude, essas jovens e esses jovens leitores tornaram-se autores, misturando experiências e devaneios, resgatando memórias... E eis que aqui estão seus escritos diante de nossos olhos curiosos e orgulhosos ao mesmo tempo.

Senti-me saboreando os textos escritos por cada ponta de dedo, que permitiu que a imaginação de cada uma e de cada um fluísse como se fosse saliva viva de cada voz que fala, de cada voz que grita, de alguns sussurros e muitas audácias, que fizeram delas e deles escritores. Os textos são, na verdade, "fragmentos do mundo, os pedaços da vida no desdobrar do tempo, pintados com as cores da poesia que empurram a

escritura para além do relato frio e da matéria objetiva do real" (Capistrano, 2015)[1].

Temos, nestes textos, "pedaços de sentimentos, reflexões e pequenas narrativas que se descortinam" (Capistrano, 2015) em imagens e sons à medida que os lemos. Que essas jovens e esses jovens escribas tenham vida longa no que diz respeito ao ato de se expressarem por meio da palavra artística, ou seja, através da Literatura, essa arte de construir, por meio das palavras, textos que emocionam, informam, criticam, mas que, sobretudo, permitem que seus processos criativos fluam.

Então, mergulhemos nos contos e nas crônicas aqui escritos e deixemos os sentidos desses textos fluírem em nossas mentes, como um fluxo do curso de um rio que poderá nos levar, leitoras e leitores, a maravilhosos tesouros submersos.

Maria das Graças de Aquino Santos
28 de dezembro de 2024

1 CAPISTRANO, Pablo. Escrituras de cor e tempo. *In*: AZEVEDO, Candice. **Cor do Tempo**. Natal: Edição do autor, 2015. p. 17-18.

SUMÁRIO

Apresentação 14

Crônicas de Edificações 2M

A Mágica Acontecia Durante a Aula 17
A Escada 19
O Fim dos Dias Intermináveis 21
A Elegância Escrita 22
A Caminho da Escola 24
O Barulho 26
O Atraso Diário 28
Uma Estrela a Menos 29
O Natal no IF 31
A Besta-Fera 33
Aconteceu? Ah, Não 35
O Espectro 39
O Ônibus 40
A Vida no IF 42
A Carteira da Frente 44
O Sabão Surpresa 45
Traição na Secitex 46
A Prova do Azar 49
Era Pra Ser Um Dia "Normal" 51

Crônicas de Edificações 2V

Edificações Amado na Base do Ódio 53
Vinte e Três de Novembro 55
A Gestação do Caju 56
A Tal da Falta de Disciplina 58
O Mistério do Banheiro Feminino 60
Virando o Jogo 62
O Espelho da Sociedade 64
A Última Mordida 66
Totó no Estacionamento 67
O Cabeça Branca 69
Um Incêndio (Ou Quase) 70
A Promessa do Ano 71
O Desaparecimento de Marina Rose 73
A Saga de Uma Heroína no IF 75
Vinda do Ônibus 76
A Procura Pelo Equilíbrio 78
Da Ansiedade à Realização 79
O Dia do Passeio 81
O "Êxodo" da Felicidade 84
A Dança das Máscaras 86
Apenas Alguns 88

Crônicas de Informática 2M

Perdido (Em Pensamentos) 90
Crime no Cajueirão 92
O Desafio do Trabalho em Grupo 94
O Que Poderia Dar Mais Errado? 96
Quem Avisa Amigo É 97
Só Mais Cinco Minutinhos 99
A Temida Matéria Pop 100
A Vida dos Outros 102
Pensamentos Frutíferos 104
Prova e Tentação 106
O Dia do Massacre 108
O Espetáculo do Imperfeito 109
Exagero 111
Amor de Escola 113
Bela Vista 114
Fugindo da Realidade 115

Crônicas de Logística 2M

Um Romeu Sem Julieta 118
E No Final Nem Tudo São Flores 119
Notas, Apelidos e Aprendizados 121
Trollagem 122

Entre Carros e Pensamentos 123
Matemática 125
O Amargo Sabor do Caju 126
Vocês Vão Fazer a Prova? 128
Vida Efêmera 130
No Refeitório 132
Mais Abominável 134
Sistemas e Suas Complexidades 136
O Jogo da Discórdia 138
Na Trilha das Sensações 139
Passa Para o Próximo 140
A Bagunceira 141
O "Temido" Ruy Pereira 142
A Borracha Desgarrada 144
O Grande Concerto 146
A Surpresa 148
A Porta Açucarada 150
O Cheiro 152
Voltando Para a Terra 153

APRESENTAÇÃO

Compartilhamos, com todos vocês, o resultado de um trabalho coletivo entre as turmas dos cursos de Edificações, Informática e Logística, do ano de 2023, do IFRN – *Campus* São Gonçalo do Amarante. Podemos assegurar que este resultado é muito mais do que um simples livro; é um retrato da vida, das experiências e da alma de cada aluno que dedicou seu tempo e suas palavras para escrever os contos e as crônicas que agora fazem parte da obra "Contando e cronicando sobre nossa vida escolar".

Os textos deste livro carregam histórias únicas e preciosas que contribuem para a construção de um panorama vivo e pulsante sobre o que o IFRN representa na vida dos alunos-autores. Cada um deles, com suas perspectivas, vivências, inquietações e descobertas, ajudou a criar uma tapeçaria rica de perspectivas e emoções, assim, poder conduzi-los nesse processo foi uma experiência que nos encheu de orgulho e alegria.

Ler e compilar os contos e as crônicas foi uma honra indescritível para nós, as organizadoras. Cada aula, cada conversa, cada momento de escrita com os alunos-autores nos permitiu conhecer um pouco mais sobre as diversas formas de pensar, sentir e ler o mundo à sua volta. Ver o crescimento de cada um enquanto escritor e, mais importante ainda, como ser humano que se expressa e se compreende através da Literatura, foi muito gratificante.

O talento, a sensibilidade e o comprometimento foram fundamentais para que "Contando e cronicando sobre nossa vida escolar" ganhasse forma, beleza e coerência. Aqui temos, portanto, um convite para vivenciarmos os sentimentos e as histórias que fazem do IFRN um lugar tão especial na vida de

cada um de nós e ter acesso a esse olhar pessoal, único e íntimo é algo que consideramos um verdadeiro privilégio.

Esperamos que outras pessoas se inspirem a escrever suas próprias histórias, a refletir sobre suas próprias vivências e, acima de tudo, a perceber o poder que a escrita tem de transformar e eternizar momentos tão preciosos.

Com profundo carinho,
As organizadoras

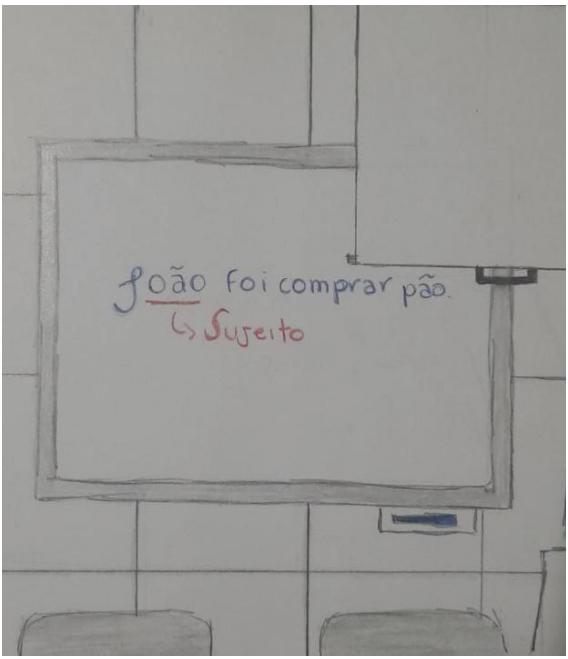
CRÔNICAS DE EDIFICAÇÕES 2M



Fonte: Mayara Souza (2026).

A MÁGICA ACONTECIA DURANTE A AULA

Guilherme Bezerra da Silva
Pedro Henrique Gomes de Santana



Fonte: Yasmin Barros (2023).

Em todas as manhãs, o *campus* acordava com um burburinho dos estudantes que se dirigiam às salas de aula. O corre-corre começava com mochilas e livros em mãos, preenchendo o cenário de esperança e buscando o conhecimento

que ficava ali às soltas. As conversas nos corredores ecoavam cheias de entusiasmo com projetos e envolvimentos... Era nesse universo acadêmico que se desenhava uma rede de conexões que iam além da sala de aula.

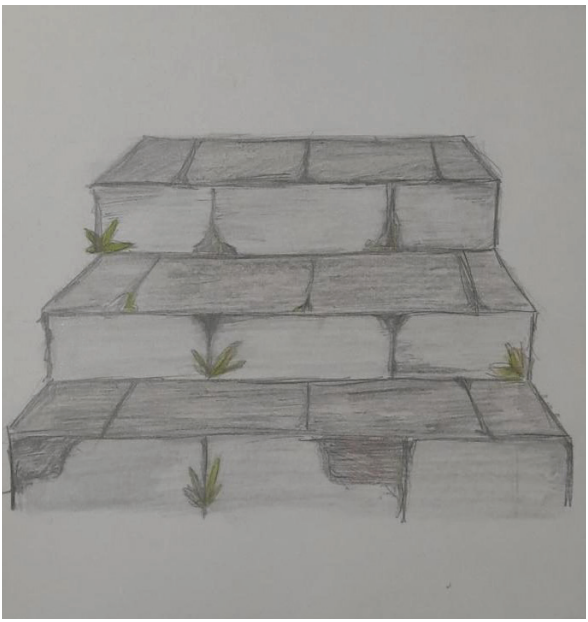
Naquela manhã em específico, a sala de aula estava bem cheia, e a professora de Português preparava-se para mais uma aula com sua elegante costura enquanto folheava um livro. A expectativa flutuava no ar, pois todos sabiam que, em sua aula, a Língua Portuguesa ganhava vida.

Quando a professora começava a falar, seu entusiasmo e sua empolgação contagiavam a todos. Ela explicava os complicados detalhes da sintaxe com paixão, transformando sujeitos e predicados em personagens de uma narrativa fascinante. Os alunos, inicialmente apreensivos, encontravam-se imersos em um mundo de verbos, adjetivos e advérbios. Seria uma paráfrase de *Emília no País da Gramática*?

A sala de aula se tornava um palco onde as palavras dançavam, as orações ganhavam vida, e a língua se tornava uma aventura. Era um momento mágico em que os cadernos não se enchiam de anotações; enchiam-se de vida. Fazia-se presente a certeza de que a fome de palavras novas não pararia ali.

A ESCADA

Andrielly de Lima Rodrigues
Maria Gabriele Sousa da Silva



Fonte: Yasmin Barros (2023).

Muitos dizem que o principal desafio de um estudante federal é conseguir passar no exame seletivo; já outros, falam que o difícil é se acostumar com a rotina puxada de inúmeras atividades... (É um trabalho seguido do outro!).

Mas para Maria, estudante do IFRN – *Campus* São Gonçalo do Amarante, o desafio, na verdade, está naqueles inúmeros e

incorretos degraus. Sua trajetória sôfrega de casa até a escola se inicia nas calçadas de sua rua, uma mais alta que a outra, estendendo-se na grande ladeira que precisa subir todos os dias a pé até, enfim, chegar à bendita escadaria.

Ela e sua amiga Raquel passam pela luta diária de subir e descer aqueles degraus irregulares todos os dias. A indignação é exposta sempre que terminam de subir:

– Essa escada é terrível! Não aguento mais subi-la todos os dias. Ainda mais com quatro quilos de material na mochila!

– Minha amiga, além de tudo isso, tem mais: ela está toda desregulada. Para levar um tombo é facinho.

– Menina, fiquei sabendo que a rampa também é toda irregular, além de ser enorme! Na última vez que foi usada, o cadeirante teve que usar tanta força, mas tanta força, que chegou lá em cima mortinho da Silva.

– Ai, misericórdia! Nunca mais chego perto dessa rampa! Me arrepiei toda só de ouvir essa história!

– Que besteira, Maria! Você devia ter medo da escada, e não do pobre moço que morreu na rampa.

– Raquel, da escada eu tenho ódio, não medo!

– Digo o mesmo! Agora, cuide! Vamos para a aula, que já estamos atrasadas!

– Bora! Mas pensando aqui, esses caminhos que fazemos todos os dias, de subir ladeira, escalar calçadas e levar topadas nos degraus pode ser comparada com nossa vida e nossas dificuldades, porque a vida é triste e sofrida para nós que somos estudantes de Edificações.

O FIM DOS DIAS INTERMINÁVEIS

Filip da Silva Souza
Ítalo Oliveira do Nascimento

O último dia de aula era um momento de extrema alegria, o único momento do ano em que todas as pessoas apareciam sorrindo na escola, a não ser os famosos "turistas" da turma. Esses já antecipavam suas férias e não pisavam lá desde o início da semana. Mas, para os que ali estavam, o tom era de despedida.

– Eu não podia estar mais ansioso para essas férias. Já perdi as contas de quantos dias estou sem dormir... talvez um ou dois meses.

– Nossa! Dois meses?

– Isso mesmo! Mas isso é o menor dos problemas! Estou gastando um baita dinheiro com remédios para a ansiedade.

Apesar de alguns problemas, o sentimento de saudade sempre aparecia nas férias. Todos os grupos passavam esse "pequeno descanso" conversando entre si e se mostravam bem unidos. Nem parecia que brigavam o tempo todo durante os trabalhos ou quando precisavam decidir algo em conjunto. O que todos nós sabemos é: férias são um momento de paz absoluta em que finalmente podemos dormir após dois meses de muitos trabalhos e provas.

A ELEGÂNCIA ESCRITA

Guiseppy Kwan Kym Maciel Da Silva
Hamanda Sabina Isidio Gomes

Todos os alunos do curso de Edificações esperavam ansiosos pelo início de cada aula de Português. A razão? A presença da professora, uma mulher elegante que encantava a todos não apenas com o seu conhecimento, mas também com seu estilo impecável.

Desde o primeiro dia de aula, os alunos notaram que ela era diferente dos outros professores que conheciam. Ela sempre chegava na sala com uma elegância que exalava uma satisfação invejável. Sua maquiagem discreta, mas elegante, seu cabelo e suas vestes sempre impecáveis eram motivo de admiração.

A professora não se deixava levar pelas tendências passageiras de moda. Preferia roupas sociais, que realçam sua figura e personalidade. Vestidos midi, saltos altos, blusas de seda e blazers eram suas escolhas mais frequentes, sempre combinando com acessórios, como colares dourados e brincos discretos, o que sempre despertava comentários dos alunos sobre como ela encontrava o equilíbrio perfeito entre a formalidade e o conforto.

Ela se movia pela sala de aula com seus passos seguros e suas mãos sempre perfeitamente posicionadas. Seu rosto irradiava serenidade, e seu sorriso acolhedor incentivava os alunos a participarem de suas aulas. Havia algo na forma como a professora se vestia que fazia com que seus alunos se sentissem confiantes.

As aulas de Português eram mais do que um momento para aprender literatura, interpretação ou gramática; eram uma experiência completa. Assim, a professora continua a ensinar, não apenas com conhecimento, mas também com sua elegância, característica que não se resume na sua forma de se vestir, mas também se estende à sua forma de expressar o mundo para seus alunos.

A CAMINHO DA ESCOLA

Iasmin Kalyane da Silva
Karina Suelen de Freitas Bezerra



Fonte: Yasmin Barros (2023).

Maria sentou-se na penúltima fileira do ônibus. Naquele lugar, ela teria apoio caso fosse projetada para frente quando o veículo freasse e, provavelmente, não seria incomodada por outros passageiros. Seriam apenas 30 minutos para chegar ao IF.

Sentou-se um homem ao seu lado. Roupa amassada, cabelo desgrenhado... Normal, para uma terça-feira às 6h25. Ele se virou e começou a encará-la. Maria começou a suar frio. Apertava firme a bolsa, verificava se não tinha alguém olhando, para, quem sabe, prestar socorro. Ninguém. Até que...

– Você tem cigarro? – perguntou o homem.

– N-Não. – respondeu Maria com espanto.

– Que pena! Esta manhã merecia uma tragada. Estou indo no necrotério... Você acha que eu conseguiria um emprego lá?

Maria ficou sem reação. Só conseguiu concordar com a cabeça.

– Eu sempre gostei de sangue, sabe? Aqueles filmes de guerra, cirurgia... Basta ter sangue.

A menina gelou. Que tipo de pessoa admite isso para uma estranha sentada do seu lado no ônibus? Maria olhava para ele, incrédula.

– Ver cadáveres o dia todo... O emprego dos sonhos! – Ela já não escutava mais, estava tomada de medo.

O ônibus parou. Alguém entrou e se dirigiu aos assentos onde ela e o homem estavam sentados. A pessoa não se assustou com a conversa. Levou seu rosto ao ouvido do homem e disse:

– Precisamos voltar! A psiquiatra precisa vê-lo.

– Mas eu já disse que vou para minha entrevista de emprego no necrotério!

– Desculpe o incômodo, moça! Ele não está bem. João, você precisa ver a médica primeiro. Depois eu te levo para lá, ok? – falou, dirigindo-se aos dois.

O homem, então, se levantou e desceu do ônibus, junto com o provável "acompanhante". Maria respirou aliviada. Porém, ainda faltavam 20 minutos para chegar à escola. O dia estava apenas começando.

O BARULHO

Leandro Lucas da Silva Xavier
Yasmim Barros de Almeida Silva

Chegar ao IF pela manhã era uma luta, e Janusclaúdio sabia disso muito bem. Acordar às 5 horas da manhã, tomar um banho gelado que automaticamente tira seu sono (para mais tarde ele voltar novamente), e correr para não perder os dois ônibus que ele sempre pegava.

Aquela manhã não foi fácil para Janusclaúdio, principalmente porque seu amado café diário, por ironia do destino, estava frio e meio amargo.

Ao chegar ao *campus*, dirigiu-se à "sua carteira", que já estava ocupada. Então, cedeu-a em silêncio, ao mesmo tempo em que seu coração ia se partindo em pedacinhos ao ver seu canto tomado. O começo de seu dia estava como seu café, bem desagradável.

Enquanto se dirigia a outra cadeira, notou uma movimentação estranha entre os colegas. Todos estavam com cartolina. Janusclaúdio só pensou em uma coisa: "Me ferrei, amigos e amigas...". Lembrou do porquê de se sentar do outro lado da sala, após escutar os cochichos que vinham da carteira de trás, de duas garotas que só falavam besteira. Janusclaúdio teria que aguentar até o último horário, até o barulho.

"O IF está acabando comigo", pensou ele.

Após o primeiro e o segundo horários, era o momento da última aula, a de Português. Seria uma boa aula, se o pequeno estudante não estivesse caindo de sono. O barulho dos cochi-

chos das colegas o mantinha acordado, mesmo não sendo o que ele esperava escutar no momento. Ainda assim, já estava adormecendo na cadeira quando a professora gritou:

– Este Sujeito!

Foi o suficiente para Januscláudio parar de pescar o sonhado atum do mar e dar um salto da carteira.

– Oi! – falou rapidamente.

Ao olhar o quadro, percebeu que não era ele o sujeito no momento, e sim "João, que foi comprar pão", como estava escrito no quadro. Toda a sala o observava, e o clima de silêncio foi quebrado com o barulho, o sonhado barulho.

Januscláudio jogou tudo dentro da bolsa e saiu pelos corredores enquanto ressoava o barulho por todos os lados. Depois dali, não se lembrou mais de nada, apenas do barulho do despertador que o acordou.

O ATRASO DIÁRIO

Maria Luísa Cardoso dos Santos
Rita de Cássia da Silva Bezerra

Durante as aulas no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), duas meninas sempre cheias de entusiasmo e energia, mas com um pequeno problema: a pontualidade não era exatamente a sua especialidade.

Rita e Luísa, colegas de classe inseparáveis compartilhavam não apenas a amizade, mas também o hábito de sempre chegarem atrasadas.

Os dias começavam com o despertar do alarme, que muitas vezes era ignorado em troca de alguns minutos a mais de sono. A corrida contra o tempo começava quando percebiam que o relógio estava decidido a não esperar por elas.

Luísa, com seu jeito tranquilo, tentava acalmar os ânimos, enquanto Rita, mais impulsiva, apressava o passo.

Os corredores se tornaram o palco de suas aventuras matinais, sempre desviando de colegas apressados, cortando caminho pelo gramado, literalmente desafiando as leis da física em busca da sala de aula para não chegarem atrasadas, quando se encontravam pelos corredores, trocavam risadas e olhares, e isso mostrava que estavam juntas nessa luta contra o tempo.

UMA ESTRELA A MENOS

Ana Clara Félix Cavalcante
Jéssika Naiara da Silva Santos

No dia 11 de julho em 2023, quando a atmosfera da escola se transformou em um caldeirão de expectativas e emoções, a 5ª Semadec do *Campus* SGA prometia ser um marco, uma celebração de arte, desporto e cultura que todos aguardavam com fervor.

Entre os corredores, ouvia-se o sussurro das vozes animadas, olhares ansiosos e corações pulsantes.

– Tô ansiosa para a abertura – disse uma menina, com seus olhos brilhando de entusiasmo.

Sua amiga, compartilhando o mesmo sentimento, falou:

– Eu também, o dia parece que não passa!

No entanto, por trás daquelas expectativas, a sombra da decepção estava por vir. O momento que deveria ser de celebração rapidamente se transformou em um pesadelo. O murmúrio da multidão, que antes era de apoio, tornou-se um coro de desaprovação.

As acusações de plágio ecoaram pelo recinto, e a felicidade inicial deu lugar a uma confusão crescente.

– Plágio! Se eu fosse vocês, teria vergonha! – gritou uma pessoa da plateia, indignada.

As dançarinas, perplexas e magoadas, tentaram em vão defender sua integridade artística.

O momento decisivo chegou quando um vídeo comprometedor foi revelado, provando as acusações de plágio. O silêncio se abateu sobre a multidão, substituindo as vaias e acusações. A traição estava exposta, e a ilusão da glória desmoronou diante de todos.

A desclassificação foi o golpe final para as meninas, no momento que seria a celebração da criatividade e do talento. Transformou-se em uma lição amarga sobre ética, integridade e as consequências de escolhas duvidosas.

E, assim, as dançarinas deixaram o palco de cabeça baixa, tristes e desapontadas. O sonho da "terceira estrela" foi adiado.

O NATAL NO IF

Rebeca Beatriz dos Santos Costa
Sabrina Luane Silva Macena da Costa



Fonte: Yasmin Barros (2023).

Tudo parecia cansativo, principalmente na semana do Natal.

Lísia chegava ao IF cabisbaixa. Toda hora vivia reclamando que estava muito atarefada. Porém, estava tudo muito corrido, era prova, seminário, apresentação de Educação Física, tudo na mesma semana. No mesmo dia, Lísia foi ao laboratório de Informática e viu uma postagem de seu colega Igor, que estava extremamente feliz, pois estava de férias e iria viajar naquele Natal.

Lísia ficou nervosa porque só ela estava estudando, e todos seus amigos estavam de férias, menos ela.

Sua turma de Edificações 2M decidiu fazer uma dinâmica, com o intuito de trazer mais ânimo para a sala, pois parecia mais um enterro do que época de Natal. Nessa dinâmica, foi feito um desafio para ver quem dançava melhor. Quem dançasse bem, ganharia um chocolate de presente, e quem dançasse mal teria que pagar um mico na frente do *hall*. Todos se empolgaram e aceitaram o desafio.

A professora chamou os primeiros participantes da lista de chamada, dentre eles Joãozinho, Maria, Lucas e Lísia, que se dividiram em duplas e montaram uma estratégia para ganhar o desafio. Como ninguém queria perder, Joãozinho e sua dupla armaram uma peça para trapacear e sair na frente de todos.

Jogaram cascas de banana bem no meio da apresentação de Lísia, com o intuito que ela caísse no chão. Mas, Lísia, sapeca, já tinha sacado a deles. Quando as jogaram, deu um mortal para trás bem alto e caiu abrindo escala no chão, o que quase rasgou sua calça, porém arrasou na coreografia. Com isso, todos aplaudiram, deixando-a mais à frente na competição.

Finalmente, saiu o placar. Foi empate: Lísia e Maria contra Joãozinho e Lucas. A turma fez uma votação, e obviamente, Lísia acabou ganhando com suas ótimas estratégias e um bom trabalho em equipe.

A BESTA-FERA

Mayara Kedna Duarte de Souza
Mariany Olímpio dos Santos

Reza a lenda que ela sai de seu cativeiro em pingos do meio-dia para atormentar a vida dos seres que habitam nas salas de aula... Ela parece inocente, mas é causadora de muitas brigas, discórdias e palavras desagradáveis. Só de virar o corredor, é possível escutar seu rugido. As pernas bambeiam, a boca começa a secar, e o estômago já faz seu alerta, pois não se sabe o tamanho nem o comprimento dela. No momento em que vivemos, é o assunto mais comentado e repercutido pelos quatro cantos do *campus*...

Diariamente, é o motivo da briga de alguém, do término de um relacionamento, de ciclos serem encerrados e greves acontecerem. Às vezes, por falta de compreensão, saem terríveis puxões de cabelo e cuspes na cara. Não a conheço de fato e de verdade. Não vou mentir! Mas, em todas as vezes que ouço falar sobre ela, benzo-me e torço para ser o próximo alvo do edital... Apesar de ela ser terrível, aparentemente é inofensiva aos homens (Eu acredito nisso, sim!).

Sempre sai alguém de casa para tentar domar essa fera, o bem mais precioso da instituição às doze horas. Ela, como todos nós, também precisa de uma rotina, tem seus dias de calmaria e tranquilidade. Por outro lado, os que não conseguem aprovação vivem um tremendo caos: pessoas jogadas ao relento, no chão, com fome.

Enfim, tudo o que almejamos dentro da instituição após seis horários de aula é sairmos saciados da queridíssima fila do almoço! Após enfrentar essa terrível fera, vem a calmaria de uma tardezinha no bosque, uma aula na piscina da escola ou até mesmo de um abraço apertado de um paquerinha.

ACONTECEU? AH, NÃO

Lisia Nayane Dantas da Silva
Raí Duarte Costa de Assis

Lembrei-me da primeira vez que ouvi falar daquele belíssimo lugar.

– Já escutou o que aconteceu lá no bosque, Dianna?

– Não. O que foi que houve lá?

– Pegaram Fanastácio e Clécia por aquelas bandas dando uns amassos.

Fiquei muito entusiasmado para passar a metros de distância do local mais encantado do IF. Passado um tempo do ocorrido, era um dia normal para mim. Porém, para o IFRN – *Campus* São Gonçalo do Amarante, estava sendo uma data especial, pois aquele era o dia de festejar seus 25 anos. Ocorreu uma festa, e eu, claro, estava lá. Estava eu olhando o movimento, quando escutei alguns sussurros:

– Oh, Eloriscrecia; eu te amo tanto que lhe compraria o Brasil... Não! Compraria a lua para você.

– Meu querido Juninho, tu me deixas bobinha.

– Vamos ao banheiro desfrutar da sua beleza, meu suflê de abacaxi.

Acho que a festa deles foi ótima. Mas nunca pensei que entraria em um banheiro tão cismado quanto hoje em dia. Percebi ali que não tinha medo do bosque, tinha medo de casais que se amam em locais exóticos. Sou o mesmo garoto que te-

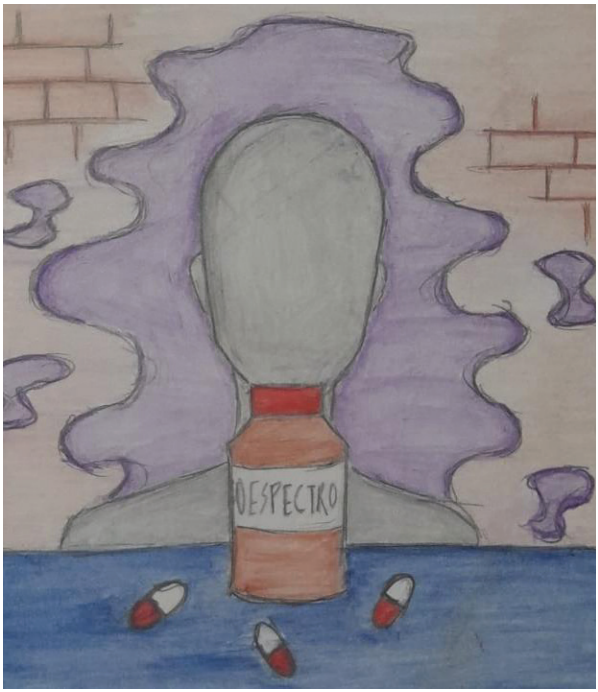
mia o bosque e hoje anda por ele para tirar fotos legais, jogar bola, ou, apenas matar quem o mata: uma inteligente aula que envolve o seu maior medo.

– Qual é esse seu maior medo, cara?

– O bom e velho cálculo.

O ESPECTRO

Thalita Maria Silva de Lima
Maria Helena Araújo da Silva



Fonte: Yasmin Barros (2023).

Em um dia chuvoso, Cristina esperava o ônibus na parada para fazer o percurso diário ao IF. Ao vê-lo, agradeceu aos deuses logo, porque percebeu que estava vazio.

No fundo do transporte, um rapaz misterioso, conhecido pelo apelido carinhoso de Assombração, estava sentado lá.

Não era um apelido cruel, mas sim um nome que ele havia ganhado por ser tão enigmático. Assombração tinha se tornado o centro das atenções dela na escola, mesmo sem nunca ter pronunciado uma única palavra a ela ou às suas amigas.

Naquele dia, Cristina decidiu agir. Ela se aproximou e se sentou ao lado dele, mas um momento constrangedor se seguiu, pois eles permaneceram calados.

Decidida a quebrar o silêncio, perguntou, olhando para ele, mas de forma tímida:

– Qual seu nome?

Inicialmente, franzindo a testa, ignorou-a, depois relaxou e respondeu:

– Eduardo.

Cristina, sem saber o que mais dizer, falou, arrependendo-se logo em seguida:

– Nossa! Que nome bonito! Igual a você...

Persistindo na conversa fadada ao fracasso desde o começo, Cristina revelou que já o tinha visto na escola muitas vezes, porém nunca tivera coragem de se aproximar. Confessou que o achava muito misterioso.

Mas eu gostaria de ser sua amiga, disse.

– Isso nunca daria certo, comentou ele logo em seguida. Você não entende, eu até gostaria de te ter como amiga, você parece ser uma pessoa legal, mas... Ele não terminou a frase.

Quando finalmente o ônibus chegou à escola, Assombração murmurou, quase como se estivesse falando consigo mesmo:

– Talvez possamos tentar.

Cristina assentiu com entusiasmo enquanto descia do ônibus. Ela saiu correndo por causa da chuva e imaginou que o menino a tinha acompanhado. Entretanto, ao olhar para trás, para a sua surpresa, ele não estava. Achando tudo aquilo estranho, continuou sua caminhada em direção ao IF.

Alguns dias passaram e aquele mistério continuava. Cristina estava na escola e teve suas aulas interrompidas por uma

pessoa que ela conhece muito bem, o psicólogo da escola, Dr. Paulo. Ele avisou que gostaria de falar com ela depois da aula sobre um assunto importante.

Assim que suas aulas do dia terminam, ela vai até a sala do psicólogo do *campus*, e eles já começam a conversar sobre os acontecimentos de sua vida. Ele pergunta se alguma coisa diferente tinha acontecido nos últimos dias, pois isso explicaria seu comportamento estranho. Ela responde que não, mas o doutor percebe a mentira e insiste.

A menina, então, diz que conversou com um menino no ônibus, mas, quando desceu, não tinha mais ninguém com ela. O médico diz que pode ser uma consequência dos medicamentos que ela está tomando para tratar seus problemas mentais e que o menino pode ter sido fruto de sua imaginação.

A sessão termina depois de alguns minutos, e Cristina percorre o caminho diário na volta para casa, ainda se perguntando se o Dr. Paulo estava certo, e se o acontecimento de dias atrás havia sido real ou não.

O ÔNIBUS

Caio Lucca Almeida Mendonça
José Artur Rodrigues Souza



Fonte: Karina Bezerra (2023).

Era um péssimo dia para ir à escola, sábado de manhã, quando eu, um jovem leigo, estava prestes a sair de casa. Estudo um pouco longe da minha casa, cerca de dez quilômetros, e, por conta disso, minhas opções de ônibus são escassas. Porém, existe um bendito ônibus que passa em um shopping a uns cinco minutos de caminhada da minha casa e me leva direto para a escola: chama-se U, ele é um daqueles ônibus fantasmas que só pega quem sabe para onde ele vai.

Estava eu, às seis da manhã, esperando meu ônibus U na parada para me levar para a escola. Espero alguns minutos até

ele chegar, e com isso começa o trajeto até meu destino. Começo a escutar minhas músicas para passar o tempo e observar a paisagem, prestando atenção se tem pessoas da minha escola nas paradas naquele sábado letivo. Eu, como um calouro, achava que teríamos aula presencial, no entanto, eu estava errado, mas só fui descobrir quatro paradas antes de descer.

Nessa situação terrível, tomo a pior decisão da minha vida: dar a volta com o ônibus U. De início, estava tudo tranquilo, já que eu achava que não iria muito longe... Só que eu estava errado novamente. Comecei a suspeitar quando ele entrou numa rodovia. Naquela altura eu não poderia nem descer do ônibus, já que eu nem sabia onde que eu estava. A melhor opção era ficar no ônibus U e ver para onde ele iria me levar.

Após uma hora, chego à cidade chamada Poço de Pedra. Estava até que contente em estar ali, pois, no fundo, eu tinha a curiosidade de saber como era lá: uma cidadezinha bem interiorana, um pouco diferente do que eu já tinha visto, mas interessante.

Estava sendo uma viagem muito divertida. Eu me sentia no "Samba" – aquele brinquedo de parque de diversões.

Até que uma idosa se sentou do meu lado, logo após deu uma cusparada no chão do ônibus U, e a única coisa que pude fazer foi segurar minha risada e enfiar minha cara na bolsa para ela não perceber.

Para minha felicidade, o ônibus U já estava voltando para o local de partida, e, enfim, depois de quase quatro horas, estaria de volta à minha casa, com a eterna lembrança desse dia, a volta completa no meu "Ú"nico ônibus para a escola.

A VIDA NO IF

Elizabeth Martins de Souza
Maria Evellin Alves da Silva

A vida de Henrique era tão profundamente entrelaçada com a instituição que ele tinha um endereço de correspondência exclusivo lá: Rua do IF, sala 12. Ele não conseguia evitar passar a maior parte do tempo naquele lugar. Pela manhã, ele estava lá estudando incansavelmente. À tarde, aproveitava para almoçar, sendo o prato do dia sempre "frango ao molho do IF", uma iguaria que ele já conhecia melhor que a palma de sua mão.

Quando ele finalmente ia para casa (não sem antes dar uma passada na biblioteca), sua mãe sempre dizia:

– Filho, você não tem mais casa?

Henrique ria e respondia:

– Mãe, acho que o IF tem mais a oferecer no momento!

A verdade é que o IF se tornou seu verdadeiro lar. Ele conhecia todos os cantos secretos da instituição, como os corredores do Bloco B, que descobriu serem um excelente refúgio nos dias chuvosos.

Claro que, em toda vida convencional, as coisas nem sempre saem como planejado...

Em um dia especialmente movimentado, Henrique estava tão envolvido em suas atividades que esqueceu que deveria ajudar a mãe com as compras.

Quando finalmente chegou à sua casa, ela o recebeu com uma cara de poucos amigos:

– Henrique, você está mais tempo na escola do que em casa!

Não tenho certeza se devo te chamar de filho ou morador do IF!

Por mais que ela reclamasse que seu filho passava mais tempo na escola do que em casa, era ela a pessoa que mais o apoiava em dias estressantes e em que ele pensava em desistir.

A CARTEIRA DA FRENTE

Samuel da Silva Brito Sena

No Instituto Federal, onde eu estudava, havia uma crença muito louca: quem se sentar na carteira da frente terá o grande "poder" de tirar notas boas. Eu sempre achei isso uma tolice! Como que uma carteira na fileira da frente poderia mudar todo o meu boletim?

Lembro-me quando decidi dar um voto de confiança a ela. Passei um ano inteiro sentado na famosa carteira da frente...

Vou ser sincero! Nunca ouvi uma mentira tão descarada!

Em resumo: continuei com notas baixas; todos os professores sabiam meu nome; e agora todo mundo queria fazer grupo comigo porque achavam que eu era inteligente (MALDITA carteira! Eu não sabia nem divisão!).

Ô, azar danado!

Nunca mais acredito nessas crenças mal contadas.

O SABÃO SURPRESA

Daniel Benjamim Fernandes Pimenta de Oliveira Lopes
Manoel Pedro Domingos Cavalcante

Em São Gonçalo do Amarante, morava um garoto chamado Lucas. Ele era esforçado, curioso e, desde que se entendia por gente, tinha o sonho de entrar em uma Instituição Federal. Com muito esforço, ele passou na prova e, claro, como todo jovem, fez bons amigos. E também quebrou a cara com sua pior inimiga, a ingenuidade.

Era horário de almoço. Lucas e seu amigo Douglas decidiram ir ao banheiro antes de enfrentar a famosa e gigantesca "fila do almoço". Assim que entraram no banheiro, Douglas disse, enquanto apontava para o sabão que estava sobre a pia:

– Que sabão estranho!

Após fazerem as necessidades fisiológicas, a realidade cruel bateu à porta. Lucas fez uso do sabão para as mãos e logo sentiu algo estranho. Uma mistura de quentura e fedor que chegava a arder os olhos. Deu para imaginar que alguém com uma alma maligna tinha urinado no local do recipiente justamente para provocar o outro e chamar a atenção.

Até hoje, eles não sabem o verdadeiro culpado dessa situação desagradável, mas aprenderam uma lição até o último ano nesta escola: só lavar as mãos com sabão líquido azul!

TRAIÇÃO NA SECITEX

Arthur Marques Vasconselo
João Marcelo Silva de Oliveira

É engraçado todo aquele alarde que fazem sobre o IFRN. Entretanto, devemos concordar que é uma instituição incrível, com ótima estrutura de ensino. Um dos momentos ímpares proporcionados por essa instituição é a Semana de Ciência, Tecnologia e Extensão (Secitex).

Pois bem. Falando nisso, ocorreu algo inusitado nessa "viagem" até o IF.

Após uma hora de viagem dentro do ônibus, todo mundo em silêncio até então, uma briga foi travada por um casal sentado na poltrona de trás, que estudava no mesmo *campus* que eu.

A menina gritava afirmando que tinha sido alvo de traição pelo rapaz, mas este negava todas as acusações possíveis. O que a garota não sabia era que a amante se encontrava no mesmo ônibus que eles.

Em meio a todo aquele caos, ainda apareceu um enorme vazamento no teto por causa do ar-condicionado, e toda aquela água foi despejada na cabeça da amante.

Quem escuta essa história diz que foi praga da namorada. Mas, e aí? Seria uma maldição jogada pela namorada do rapaz? O casal se separou depois desse acontecimento? Por que ele traiu a menina que estudava no mesmo IF? Eis alguns mistérios a se desvendar.

A PROVA DO AZAR

João Paulo Brasil de Lima Soares
Luiz Henrique Farias da Silva

João Paulo e Luiz Henrique eram amigos inseparáveis. Além de estudarem juntos no IF, eles também faziam parte do time de basquetebol da escola. Eles adoravam o esporte e sonhavam em ser como LeBron James e Michael Jordan, os maiores jogadores de todos os tempos.

Mas nem tudo era perfeito na vida dos dois amigos. Eles tinham um problema: a aula de Português. Eles achavam a matéria chata, difícil e sem graça. Eles não gostavam de ler, escrever ou analisar textos. Eles só queriam jogar basquete e assistir aos jogos na TV.

Um dia, eles estavam na sala de aula, entediados e sonolentos, quando o professor de Português fez um anúncio que mudou tudo:

– Gente, na nossa próxima aula, vou aplicar uma prova, e ela será em dupla.

Os alunos se animaram com a notícia. Uma prova em dupla era muito melhor do que uma prova individual. Eles poderiam se ajudar, dividir as questões e terminar mais rápido.

Eles se sentiram sortudos, mas a sorte durou pouco. Logo eles descobriram que, no mesmo dia e horário da prova, havia um jogo amistoso contra outro colégio. E não era um jogo qualquer. Era o jogo mais importante do ano, pois valia uma vaga para o campeonato estadual de basquetebol.

Eles se desesperaram com a notícia. Como iriam fazer a

prova e jogar ao mesmo tempo? Eles tentaram conversar com o professor da disciplina, mas ele não quis saber de adiar ou cancelar a prova. Ele disse que era uma questão de prioridade e responsabilidade. Disse que eles teriam de escolher entre estudar ou jogar.

Para confirmar ainda mais a crença sobre a matéria de Português, o professor chato e sem noção (que não entendia nada de basquete), não aceitou a sugestão: simplesmente adiar a data da prova.

Eles não poderiam esquecer que, no mesmo dia e horário da prova e do jogo, havia a final do campeonato mundial de basquete. E não era uma final qualquer. Era a final mais esperada da história, pois era entre Reta Tabajara Lakers, time protagonizado por LeBron James e Michael Jordan, contra Guanduba City, time rival e favorito ao título.

Eles ficaram indignados com a notícia. Como iriam perder essa final histórica? Eles tentaram conversar com o diretor da escola, mas ele não quis saber de liberar os alunos para assistir ao jogo. Ele disse que era uma questão de disciplina e compromisso. Disse que eles tinham que cumprir as suas obrigações escolares.

Eles detestaram o diretor e sua rigidez. Ele não sabia nada de diversão.

Os dois amigos ficaram sem saída. Eles não tinham outra opção senão fazer a prova de Português. Decidiram, então, estudar um pouco na véspera, mas não adiantou muito. Eles não sabiam nada sobre crônicas, figuras de linguagem, ortografia ou acentuação.

Os garotos foram para a sala de aula com medo e tristeza, olharam para a prova e viram que era muito difícil. Eles não sabiam responder quase nada. Tentaram chutar algumas questões, mas não tinham certeza de nenhuma delas.

Foram a primeira dupla a terminar a prova; não por mérito, e sim por desespero. Entregaram a prova para o professor e

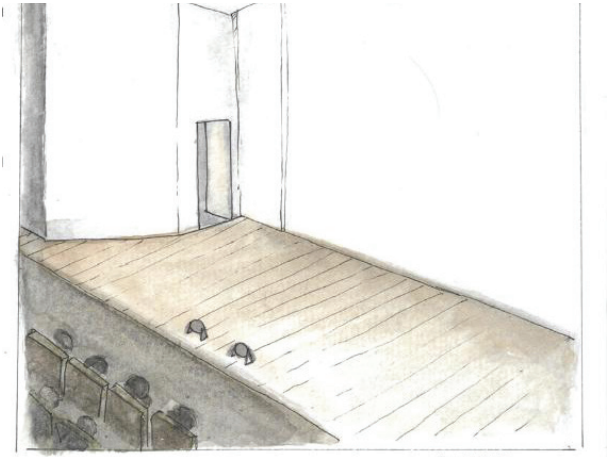
saíram da sala de aula, ansiosos por boas notícias. Mas as boas notícias não vieram.

Eles receberam a notícia de que o time de basquete da escola perdeu de 98 a 17, uma completa surra com um placar recorde. Receberam a notícia de que a Reta Tabajara Lakers, time que ambos estavam torcendo para que ganhasse o campeonato mundial, perdeu a final para Guanduba City. E eles, por fim, receberam a notícia de que tiraram nota 1 na prova de Português, possivelmente a pior e mais desastrosa nota de suas vidas.

João Paulo e Luiz Henrique aprenderam uma lição naquele dia. Eles aprenderam que nem sempre as coisas saem como a gente quer. Eles aprenderam que às vezes o azar é tão grande que parece uma piada. E eles aprenderam que a vida é uma crônica: às vezes triste, às vezes engraçada, mas sempre surpreendente.

ERA PRA SER UM DIA “NORMAL”

Lawana Kyvia Protasio da Silva



Fonte: Karina Bezerra (2023).

No dia 19 de dezembro de 2023, o IFRN – *Campus* São Gonçalo Do Amarante foi palco do 1° festival de danças, um evento aguardado com grande expectativa por todos os estudantes. Cada turma teve a oportunidade de escolher um país para inspirar a elaboração das suas apresentações, o que gerou muita animação e criatividade entre os estudantes.

Países como México, Colômbia e Brasil foram escolhidos para serem representados, proporcionando uma rica variedade de culturas e tradições para o festival.

A turma de Edificações 2M fez uma emocionante apresentação sobre o México, explorando as diversas facetas da cultura mexicana, incluindo referências a Chaves, RBD e a contagiante salsa, dança de salão. Ao final das apresentações, eles prestaram uma emocionante homenagem aos seus parentes falecidos, com uma bela música e um vídeo projetado, criando um momento de reflexão e união entre todos os presentes.

Ao final dessa apresentação, eu me emocionei e chorei porque me veio uma forte lembrança do meu melhor amigo que faleceu. Na época, o acontecimento foi noticiado da seguinte maneira: “Menino de 12 anos que desapareceu durante banho no Rio Potengi é encontrado sem vida”.

O dia em que você partiu foi como se o mundo perdesse um pouco do seu brilho. A notícia de seu desaparecimento abalou a todos nós, e a busca por respostas nos consumiu. As memórias dos dias de diversão à beira do Rio Potengi se misturaram com a tristeza da perda.

Mas, mesmo diante da tristeza, escolho lembrar dos momentos felizes que vivemos juntos. Cada risada, cada aventura, cada conselho sábio que você me deu. Você sempre será meu melhor amigo, mesmo que agora esteja em um lugar distante. Hoje, olho para o horizonte e sei que está em paz. Sua memória vive em mim e em todos aqueles que tiveram a sorte de te conhecer.

CRÔNICAS DE EDIFICAÇÕES 2V



Fonte: Mayara Souza (2026).

EDIFICAÇÕES: AMADO NA BASE DO ÓDIO

Leticia de Assis Dias
André Lucas Carmo dos Santos



Fonte: André Santos (2023).

Geralmente, as pessoas evitam se colocar em situações nas quais haja a necessidade de se esforçar por algo que odeiam. Mas lá estava um aluno do IF, na escola, fora do horário de aula. Dispôs-se a acordar cedo, algo que por si só já considerava terrível, e ficou até tarde na escola por algo que nem era da sua responsabilidade. Teve raiva por causa das decisões e da falta de compromisso de muitas pessoas... Foi estressante. Ele discutiu, falou mal de pessoas, gritou, pulou, se animou, venceu sua timidez, dentre muitos outros esforços.

Uma tal de Semana de Arte, Desporto e Cultura (SEMADEC) fez isso com a cabeça dele. Apenas uma competição entre cursos foi capaz de fazê-lo gostar de Edificações, seu tão odiado curso, que ele considerava chato, trabalhoso, entediante e no qual jamais pensara em seguir carreira. Mas ele estava lá, dando o seu máximo e gritando:

– Edif., estou sempre contigo, tu és minha paixão!

Ao decorrer do caminho, várias injustiças aconteceram. Pessoas desprovidas de inteligência trapacearam e pensaram que passariam despercebidos.

E, como tudo acaba... a SEMADEC chegou ao fim com a derrota do curso, e o seu amor por Edificações, também. O sonho acabou, a realidade bateu à porta, e parecia que conciliar as atividades curriculares com a SEMADEC era muito mais fácil do que lidar com o cronograma cansativo do IF. É por isso que os alunos do IF do *Campus* São Gonçalo do Amarante clamam para que o evento se torne uma tradição, porque, por mais que não faça sentido, um pouco de ansiedade, adrenalina, estresse e cansaço não fazem mal para ninguém.

VINTE E TRÊS DE NOVEMBRO

Kayo Lucas Teixeira Rocha Fernandes
Sarah de Andrade Leocádio

Certo dia... quer dizer, 23 de novembro, eu estava andando pelo *campus*. Para quem não sabe, estudo no IFRN – São Gonçalo do Amarante. Meu dia teve diversas coisas fora do normal.

Primeiramente, acordei e fui me ajeitar. Como sempre, entrei no banheiro, e, logo de cara, sofri uma queda. Já não comecei bem, mas segui em frente. Fui para a parada de ônibus, e, quando cheguei, ele estava indo embora. Que azar! Esperei por mais de uma hora até o próximo.

Aparentemente, esse não era o meu dia, mas nada é tão ruim que não possa piorar. Chegando ao *campus*, fui direto para o ginásio tomar um banho, e lá estava o famoso chuveiro, sem água... Ficar sem tomar banho é horrível.

Depois do banho, que no caso eu não tomei, fui para a sala de aula. Chegando lá, ela estava escura e vazia. Quando olhei para o calendário, lá estava: "23 de Novembro – FERIADO". Como eu não me lembrei disso?

Como já havia dito, sempre pode ficar pior. E ficou! Chegando em casa, coloco a mão no meu bolso, onde deveria se encontrar minha chave, e não, ela não estava lá. Peguei meu celular para ligar para alguém, e ele estava descarregado.

O resto do dia foi normal, nada de ruim ou engraçado, mas, com isso, descobri que 23 de novembro não é o meu dia.

A GESTAÇÃO DO CAJU

José Roberto da Silva Filho
Erick Marck Sotero da Cruz

Era uma bela tarde de verão, os cajueiros estavam carregados de frutos, o aroma doce da fruta se propagava pelo ar. O vento doce atraía os jovens entusiastas de cajus, quando, de repente, a fome surgiu, e um deles comentou: "Ai, meu Deus, que cheiro doce de caju! Aliás, estamos na época do caju. Esperei mais ou menos nove meses desde a última safra, praticamente uma gestação.". Foi então que o outro jovem, lambendo os beiços, respondeu: "Oxente, chega bateu uma vontade de chupar um cajuzinho, depois assar a castanha e comer.".

Assim, saíram os jovens, seguindo o cheiro da fruta, que encontraram nos fundos da escola. Ali era o equivalente ao paraíso dos cajus: cajueiros carregados, frutos robustos que faziam brilhar os olhos daqueles meninos. Porém, para alcançar as frutas, deveriam passar por um alto e denso matagal. Para isso, pegaram suas sacolas e, entusiasmados, partiram. Haviam chegado aos cajus e os tinham em suas mãos, mataram sua fome, estavam satisfeitos, mas, ao decidirem voltar, resolveram pegar mais e mais cajus, mais do que poderiam carregar.

Porém, no caminho do retorno, esbarraram em um cacho de maribondos, os quais, ao serem perturbados pelos jovens, seguiram-nos raivosamente, perseguindo-os de forma agressiva. Os jovens correram rapidamente, contudo, falharam em

correr por estarem lotados de sacolas com cajus, sendo obrigados a se livrar de suas sacolas. Dessa forma, tiveram que abrir mão da ganância, sendo obrigados a esperar a próxima gestação para matarem sua vontade.

A TAL DA FALTA DE DISCIPLINA

Ester Gabriela Pereira Roseno

A origem da tal falta de disciplina se dá pelas circunstâncias às quais somos submetidos constantemente. A rotina exaustiva, o sono relaxante e as diversas formas de exprimir o mesmo: "Não quero fazer isso hoje, talvez amanhã.". O amanhã era muito incerto, mas era uma das formas mais aconchegantes de não surtar.

Diante de tanta coisa, eu me perguntava diariamente o porquê daquela indisposição que acarretava desânimo e vontades vastas de não fazer nada ao longo do dia. Era assustadora a sensação que despertava em meu inconsciente uma mistura louca de... Putz. Preciso vencer!

Mas nada saía da minha cabeça. Relaxava por 3 horas, o suficiente para voltar às atividades diárias. Tinha inúmeras coisas que me faziam pensar no futuro, e, dentre as mais drásticas que já haviam tomado conta do meu ser, estava a tal da falta de disciplina.

Não podia me contentar com o pouco e muito menos com a realidade que estava enfrentando, por isso coloquei dentro do meu inconsciente que era necessário uma melhor. Desde então, coloquei os meus sonhos e sonhos por último, consequentemente deixei de lado esse lado feio da vida, de fazer só por fazer.

Desse dia em diante, dei sequência à minha alta capacidade de separar sonhos, disciplina de sono e desânimo diários.

Talvez o mais bonito da vida fosse vencer mesmo, talvez o mais bonito da vida fosse sair da zona de conforto e enfrentar as quedas e levantes diários. Honestamente, talvez fosse isso o mais bonito da tal falta de disciplina.

O MISTÉRIO DO BANHEIRO FEMININO

Letícia Milena dos Santos Silva
Gabriela Anacleto de Melo

Finalmente! Finalmente conseguimos convencer a nossa amada diretora de cabelos de algodão, Marilac, de que seria uma boa ideia deixar um bando de adolescentes irresponsáveis fazer uma festa do pijama no IFRN de São Gonçalo do Amarante. Isso, claro, depois de muitas tentativas sem sucesso e vários matizadores entregues a ela como presentinhos, com a assinatura "Edif. 2v".

Era por volta das dez horas quando a festa começou, teve brincadeiras, comidas e até um filminho. Depois, todos se acomodaram para dormir: as meninas na sala 13, e os meninos em outra no corredor de Logística.

Todos estão dormindo, quando se escuta um barulho vindo diretamente do banheiro feminino, o único que estava aberto na escola, justo o que ficava na frente da sala 13. O barulho não era comum, e sim muito alto, e estava a menos de dois metros de distância do dormitório. Como se já não bastasse, "BUM!" E acabou a energia da escola inteira.

Em uma breve reunião, as meninas decidiram se juntar e irem todas solucionar o problema que originou o barulho, pois esperavam que os meninos, em um senso comum, fossem resolver o problema da energia. A cada passo no escuro, o barulho continuava e, de repente, estavam cercadas de vultos brancos,

até que a líder grita: “FANTASMAS!”. Eram os meninos que, com lençóis e uma fuçada no sistema de iluminação, se juntaram para assustar as colegas e rir muito delas. Quando a luz voltou e o barulho parou, todos voltaram para as suas salas dormir.

Pela manhã, no lanche coletivo, rindo e comentando da noite anterior, alguma garota fala: “Certo, garotos, mas como vocês fizeram o barulho do banheiro?”. Eles se olham e perguntam: “Que barulho?”.

Curiosos, foram ver nas câmeras de segurança: era Marilac aos gritos testando e lavando seu cabelo com o presente. Algum aluno tinha se confundido e dado tinta verde para ela. Antes da luz voltar, ela saiu de fininho para que ninguém a visse com o cabelo todo verde.

Há teorias de que ela foi ver como Edificações estava passando a noite e não se aguentou para deixar seu cabelo ainda mais bonito.

VIRANDO O JOGO

Arthur Augusto dos Santos
Eduardo Emanuel Souza Paiva

A quadra do ginásio estava tomada por expectativas, e eu podia sentir a tensão no ar enquanto nos preparávamos para a grande final do torneio de basquete da nossa instituição. Era um momento que havíamos aguardado com ansiedade, e estar ali em uma final contra a equipe central da instituição foi como receber um presente.

No início, o jogo parecia seguir um rumo previsível. O time adversário estava liderando com uma margem confortável, demonstrando uma técnica afiada e uma defesa sólida. Os torcedores da equipe central estavam em festa, confiantes de que a vitória estava garantida. No entanto, no basquete, assim como na vida, as coisas mudam de forma repentina.

Nós sabíamos que lutar até o último tempo seria a única opção. A cada cesta, cada posse de bola era uma oportunidade de mostrar nossa determinação. O tempo passava, e, gradualmente, começávamos a diminuir a diferença no placar. Tudo no jogo ficava intenso. Cada posse de bola era crucial, e cada cesta era uma explosão de emoções.

O momento da virada chegou quando, faltando apenas alguns segundos para o final do jogo, com um arremesso de três pontos no último momento, consegui empatar o jogo. A

torcida foi à loucura, e a quadra estava eletrizada. O impensável estava ali: uma virada épica aconteceu.

Foi um momento de triunfo, mas também de respeito mútuo. Os jogadores se cumprimentaram, e a euforia veio junto com o sentimento que, tanto no basquete como na vida, as viradas surpreendentes podem acontecer quando menos esperamos.

O ESPELHO DA SOCIEDADE

Maria Alice Cunha Silva
Raissa Kauany Silva de Andrade

A escola é um verdadeiro universo de possibilidades, onde os corredores movimentados testemunham as histórias que se entrelaçam, e os professores atuam como guias nessa jornada de conhecimento. Além dos livros e das lições, a escola é um palco onde a vida se desenrola em sua forma mais crua e real. É um lugar onde sonhos são alimentados, mas também onde expectativas e pressões podem sufocar.

Cada aluno carrega consigo suas próprias batalhas internas, lutando para se encaixar, para ser aceito, para encontrar seu propósito. A escola é um espelho da sociedade, com suas hierarquias, preconceitos e desigualdades. É uma oportunidade para questionar e refletir sobre o mundo ao nosso redor. Nas salas de aula, as vozes ecoam em debates acalorados, desafiando ideias preestabelecidas e despertando consciências adormecidas.

Os momentos de solidão no pátio revelam a fragilidade humana e a busca por conexões verdadeiras. A escola nos ensina não apenas conteúdos acadêmicos, mas também lições valiosas sobre resiliência, empatia e autodescoberta. É um espaço onde as diferenças se encontram e se entrelaçam, formando uma teia complexa de relações humanas.

Na escola, somos confrontados com nossos medos, inseguranças e limitações. Mas também somos desafiados a

superá-los, a buscar nosso máximo potencial. A escola é um microcosmo da vida, um lugar onde crescemos, aprendemos e nos transformamos. Ao olhar para trás, percebemos que a escola não é apenas um edifício de concreto, mas sim uma etapa fundamental em nossa jornada de amadurecimento.

A ÚLTIMA MORDIDA

Hugo André Pessoa de Oliveira
Vitória Lira Ramos

Em uma sexta-feira entediante, em uma aula mais entediante ainda, eles receberam a notícia de que Wilson Amorim havia acabado de desembarcar do seu voo no Aeroporto Internacional de Natal, que fica próximo de um dos *campi* do IFRN, onde os quatro estudavam.

Entusiasmados com a possibilidade de conhecê-lo, saíram do instituto, aguardaram o ônibus, entraram nele, se questionaram algumas vezes sobre a possibilidade de dar muito errado durante o caminho, se acalmaram, riram da ideia e por fim, desembarcaram à procura dele, um dos maiores *rappers* do cenário atual, pelo que eu soube.

Evidentemente, eles não eram pra lá de espertos, pois, por mais que utilizassem casacos para disfarçar as fardas, aquela gola verde asquerosa entregava o grande plano dos bonitões. Eu poderia ter avisado que o grande ídolo do grupo já estava longe dali, mas não tive como, então eles descobriram isso sozinhos.

Decepcionados e impossibilitados de assistir qualquer outra aula por causa da hora, resolveram afogar as mágoas na lanchonete em que eu estava. Foi quando ouvi os meninos cochichando sobre dividir um cachorro-quente e, em seguida, fui bruscamente puxado e oferecido àqueles jovens.

Aos poucos fui torturado por eles, me apertavam, falavam que eu era sem sal, fui perdendo a consciência e de repente me tiraram a vida, na última mordida.

TOTÓ NO ESTACIONAMENTO

Tiago André Lopes de Sousa
Gabriel Lorran da Silva Lima

Em uma tarde alegre, me lembrei de quando era jovem e tinha muitas aventuras. Eu me sentia um herói, mas, diferentemente de muitos heróis, eu era um herói injustiçado, um jovem que só queria aproveitar a vida, mas por muitas vezes acabava me dando mal! Na minha visão, na maioria das vezes, não tinha culpa das minhas suspensões.

Por exemplo, lembro-me de que, na quarta-feira à tarde, estávamos eu e meus amigos em horário vago, quando de repente meu amigo Natã chega até mim, eufórico, dizendo: descobrimos um totó lá na garagem dos ônibus! Não pensamos duas vezes, fomos nós para o estacionamento dos ônibus, sem medir as consequências. Chegando lá, estavam todos os meus chegados, nós nos divertimos muito, mas eu, sempre receoso, pois sabia que a qualquer momento poderia chegar alguém implicando com a gente.

Em um piscar de olhos, se escuta um estrondo enorme e sinto uma dor insuportável. O que aconteceu foi que a barra metálica que estava servindo de base para o totó tinha caído nos meus pés, e foi aí que começou a maior injustiça já vista naquele *campus*! Quando menos esperávamos, e em um momento de deslize nosso, o carinha da coordenação chegava lá e nos levava para coordenação. Todos do meu grupo levaram

uma suspensão – para eles foi só mais uma suspensão, mas para mim foi algo mais doloroso. E você leitor, na sua opinião, nós fomos injustiçados ou merecemos a suspensão?

O CABEÇA BRANCA

Renata Kamila Santana do Nascimento
Maria Vitória Nascimento da Costa

Cheia de problemas em casa, a rena Rudolph acordou atrasada para uma das provas mais importantes de seu treinamento para se tornar uma líder do bando. Estava nevando muito, e Rudolph precisava pegar um trenó, pois não tinha forças suficientes em suas patas para ir sozinha até o centro de treinamento.

Estando ela no ponto, vinha um trenó que passaria próximo a sua parada, porém o líder desse bando – que por ela era conhecido como "o cabeça branca" – era chato, arrogante e irresponsável. Entretanto, como não tinha escolha, precisou ir com ele.

Durante o percurso, o cabeça branca percebeu que um tronco estava prestes a cair e, mesmo observando os riscos, decidiu não desviar do caminho, e aconteceu o esperado: o tronco caiu, causando assim um acidente. Rudolph andava sempre com um pequeno globo de neve que fora presente de sua falecida avó e que acabou caindo e quebrando, devido ao grande impacto.

A rena ficou tão abalada que mal conseguiu se concentrar na prova e saiu de sala devastada. Caiu em si que perdeu a chance de realizar o seu tão sonhado desejo, devido a uma irresponsabilidade de um indivíduo mal-amado, que não soube fazer seu trabalho corretamente.

UM INCÊNDIO (OU QUASE)

Fabiana Walleska Gomes Ferreira
Isabele Andressa Oliveira de Lima

Era uma tarde comum quando se notava certa agitação pelos corredores. Algo estava estranho naquele *campus*.

Curiosa para saber o motivo daquela agitação, Bela pergunta:

– O que está acontecendo? Todo mundo resolveu enlouquecer hoje?

Mas todos estavam muito apressados para ouvi-la, então ela decidiu descobrir o que estava acontecendo.

Ao chegar no *hall*, ela se depara com duas amigas, Fernanda e Valesca, então ela pergunta o porquê desse alvoroço. Fernanda diz:

– Aconteceu algo inesperado.

– O que a princípio era pra ser um teste de incêndio acabou virando realidade – comenta Valesca.

Enquanto as meninas conversavam, chegou Artur, agitado.

– Gente, gente! – gritou ele.

– A Clara do laboratório causou um incêndio. Ela estava dando chapinha no cabelo quando deu um curto-circuito dentro do laboratório, e quase tudo ia pelos ares!

Pouco tempo depois chegou Clara, toda coberta pelas cinzas que foram causadas pelo "quase incêndio".

A PROMESSA DO ANO

Áurea Catarina da Silva Barbosa
Pedro Natã Silva França

Aurélio, que é conhecido pelos seus atrasos, estava tranquilamente mais um dia sabendo que iria se atrasar para a aula, mesmo morando a 350m do IFRN. Ele se encaminhava para a escola quando já eram 13h10, mas, como Aurélio já tinha muita experiência em se atrasar, sabia que teria tempo o suficiente para chegar à escola e nem se apressou. Ao entrar na sala de aula, o professor Sidney, que já estava cheio dos seus atrasos injustificados, reclamou com ele:

– Você chega atrasado todos os dias. Se continuar assim, vai acabar reprovando!

– Desculpa, professor.

– Amanhã dou aula no primeiro bloco. Essa será a última vez que isso acontece, entendeu?

– Entendi, prometo que amanhã chego no horário.

No outro dia Aurélio faz tudo mais cedo. Às 12h40, já está pronto, focado em cumprir sua promessa de não se atrasar, então rapidamente vai até a escola.

Chega na escola e surpreendentemente não está atrasado. Passando pelo *hall* de entrada, não vê um dos cachorros deitado no chão e sem querer pisa no seu rabo. O cachorro, que era dócil, se enfurece e começa a correr atrás dele.

Passado não muito tempo, outros cachorros começam a acompanhá-lo, e ele não tem outra escolha a não ser fugir. Chegando no ginásio, se dá conta de que já é tarde e está atrasado,

porém hoje tem uma justificativa para seu atraso. Ao chegar na sala, Sidney o aborda e dá a triste notícia de que ele não poderá entrar em sala de aula, não cumprindo assim sua promessa.

O DESAPARECIMENTO DE MARINA ROSE

Victor Ferreira Toscano
Noemí Gomes de Oliveira

Marina Rose era uma menina energética, de personalidade excêntrica, de pavio curto, mas, que sempre manteve pose de otimista, sua presença era notável. Era conhecida pelas suas aventuras durante os intervalos da escola.Certa tarde, algo trágico aconteceu, ela não retornou à sala de aula. No começo, suspeitaram que ela tinha perdido a noção do tempo.

– "Rose não volta para a aula nunca!" – disseram seus amigos, que, preocupados, começaram a mandar mensagens, mas só o que viam era uma bendita seta mostrando que suas mensagens não foram recebidas pelo velho celular de Marina Rose.

Então, iniciaram uma troca de turnos para ir ao “banheiro”. Sem sucesso, eles recorreram a uma página de fofoca da escola, o “GossipIF”, a partir da qual se desencadeia uma onda de especulações.

– @Dani_bonde: "Vi ela indo ao bloco B mais cedo".

– @Renatinhadograu_18: "Ela não foi para a casa de algum familiar?"

A verdade era que ninguém sabia como era sua vida fora da escola. Com quem andava? Onde morava? Ela sequer tinha família? Apenas Marina saberia responder a essas perguntas.

– @Sarinha_paty05: "Ela estava com um semblante estra-

nho na aula de Matemática, umas olheiras...".

– @Betãodaroça: "Vi ela saindo com um macho depois da aula. Era carvo, o bixin".

Esses últimos comentários alertaram o grupo. Sua amiga estava agindo estranho e saiu com um homem misterioso no mesmo dia? De repente, seus celulares vibraram: era uma mensagem de Marina.

– "Gente, voltei mais cedo para casa, não suporto Física".

A SAGA DE UMA HEROÍNA NO IF

Thaynara Yasmin Cosme da Silva

Já faz dois anos que estou neste lugar de desafios e obstáculos. Estou cursando o ensino médio no IF, ou melhor, quase saindo dele. Os veteranos consideram que estamos na melhor fase da vida, pois não tem tantas responsabilidades, e se é jovem e estudante, porém não consideram que temos de lidar com mais de trezentos alunos em uma instituição... Bote show nisso!

Meus pais me perguntam nos últimos anos como tem sido minha experiência nessa jornada, e eu sempre digo que está sendo ótimo, mas não posso considerar que realmente seja, pois não é muito fácil encontrar uma resposta específica. Você sabe por quê? Quando você entra no primeiro ano, é colocado em grupos como o de calouros, e a ideia é que o ensino médio seja uma fase de mudanças, quando tudo que acontece nos trará algum propósito, tornando-nos ainda mais fortes.

Enfim, toda essa jornada e aprendizado no ensino médio enche os meus olhos com boas lembranças, e, se meus pais me perguntassem agora, quase no final, o que penso, acho que lhes responderia: "Apesar de todos os obstáculos, e desafios que enfrentei e estou enfrentando, sempre lembrarei dessa época, que foi a melhor da minha vida. Tenho que concordar com os veteranos, afinal consegui realizar meu sonho, alcancei o que tanto almejava, meus melhores objetivos: sou uma técnica em Edificações".

VINDA DO ÔNIBUS

Ariane Thainara da Cruz Marcelino
Estefany Gabriela Santos Nascimento

Ao adentrar no ônibus, senti-me acolhido pelas luzes suaves e o burburinho dos passageiros. Encontrei um assento vago e me acomodei, preparando-me para a viagem. Enquanto olhava pela janela, pude perceber a diversidade de rostos que me cercavam; jovens, idosos, crianças, cada um imerso em seus próprios pensamentos e histórias.

O ônibus começou a ganhar velocidade, e fui transportado para um mundo de movimento e melodia. O som do motor era como uma sinfonia, acompanhado pelo balançar suave do veículo. E então, algo surpreendente aconteceu. Uma voz suave e tranquila encheu o ônibus, anunciando as próximas paradas e oferecendo informações sobre a cidade.

Aquilo me surpreendeu, pois nunca havia ouvido uma integração tão impressionante de tecnologia em um meio de transporte coletivo. A inteligência artificial havia encontrado seu lugar no ônibus: um painel de LED exibia em tempo real as próximas paradas, a previsão do tempo e até mesmo notícias locais. Era como se o veículo estivesse vivo, guiado por uma presença invisível que cuidava de cada detalhe da jornada.

Essa inovação trouxe um fio de esperança para a experiência de transporte público. A voz serena da inteligência artificial nos proporcionava uma sensação de segurança e comodidade. Enquanto observava as pessoas ao meu redor, pude notar sorrisos de admiração e curiosidade diante dessa nova realidade.

À medida que o ônibus avançava pelas ruas da cidade, pude contemplar a beleza da IA tecendo-se em cada detalhe da jornada. E, mesmo com a presença discreta dessa tecnologia, percebi que as conversas dos passageiros continuavam animadas, os olhares curiosos acompanhavam as paisagens pela janela, e a rotina da cidade seguia seu ritmo habitual.

Enquanto o ônibus chegava ao meu ponto de destino, senti-me grato por ter presenciado essa fusão entre o tradicional e o inovador. A inteligência artificial havia se integrado perfeitamente ao ambiente, proporcionando uma nova camada de conforto e eficiência àquele simples trajeto. Saí do ônibus com um sentimento de otimismo, imaginando as infinitas possibilidades que o futuro reservava para o transporte público.

A PROCURA PELO EQUILÍBRIO

Brenda Dayane da Cunha Lima
Cícero Janderson Jorge Otaviano

A aula de Educação Física começou com a professora levando os alunos para uma área da escola que é aberta e arborizada, onde havia tiras grossas amarradas e bem esticadas entre as árvores. Isso se chamava *slackline*, e o objetivo era que os alunos tentassem se equilibrar e andar nessas tiras com o desafio de não cair. A empolgação tomou conta da maior parte dos que estavam ali presentes, os quais começaram seguindo a recomendação da professora de tirar os sapatos para conseguirem um equilíbrio melhor na prática.

A maioria dos alunos segurava na mão dos colegas devido ao medo de cair no chão. Alguns tinham a coragem de andar sem apoio, mas não apresentavam tanto sucesso, caíam logo. Teve até um que caiu e quase bateu a cabeça em uma árvore próxima, outro tentou se apoiar em um galho que estava a seu alcance, mas acabou incomodando um morador dessa árvore, um inseto nada simpático que lhe deu uma bela ferroada. Para esse aluno, a aula terminou mais cedo; os outros continuaram procurando o equilíbrio.

Quando o horário dessa aula acabou, os pés das pessoas estavam todos sujos de areia. Era hora de lavá-los, colocar os sapatos e voltar à sala de aula com uma nova experiência.

DA ANSIEDADE À REALIZAÇÃO

Arthur Pereira Campelo
Nicolas Jhonny da Silva Macedo

Era mais um dia de aula normal para Tomás, até que a notícia que o professor anunciou em sala o fez ficar pensativo.

– E agora o que vou fazer? – perguntou Tomás para sua mãe ao chegar em casa.

– Do que você está falando? – indagou sua mãe.

Então ele respondeu:

– Hoje meu professor chegou em sala comunicando a data para a realização das inscrições para o IFRN.

– Você já pensou que curso escolher? – respondeu sua mãe.

A ansiedade de Tomás só aumentava diante da decisão que ele iria precisar tomar.

Ao passar dos dias, Tomás foi pesquisando o que cada curso o levaria a ser no futuro, então, por sua própria decisão e incentivo de seus pais, ele escolheu tentar ingressar no curso de Edificações. Ao tomar essa decisão, aquele jovem garoto precisou se preparar para a prova que ele teria que fazer três meses depois.

Próximo do tão esperado dia, ao mesmo tempo que ele se preparava, a sua ansiedade também aumentava.

Chegado o grande dia, ao entrar na sala, Tomás e os outros concorrentes se acomodaram nas cadeiras em que eles

iriam realizar a prova. Confiante e ao mesmo tempo inseguro, iniciou a prova. Dali em diante, ele teve quatro horas para realizar aquele processo seletivo.

Em uma bela manhã, dois meses após a prova, ele abriu seu Whatsapp e entrou no grupo de sua turma, logo vendo seu nome na lista de aprovados pelo exame seletivo.

A partir daquele dia, Tomás prometeu a si mesmo que nunca mais iria deixar a ansiedade e o medo tomarem conta dele.

O DIA DO PASSEIO

João Victor da Silva Ramos

Os alunos curtiam seu passeio, dava para notar que um grupinho estava contente por ter conseguido roubar as mangas do terreno de um senhor.

Ao se deparar com o barco indo embora, falaram com a professora:

– Socorro, professora! Sem querer deixamos o nó que prendia o barco se desamarrar, e lá vai ele longe! O senhor que é o dono não irá gostar nada disso, e ele já está para chegar.

– Expliquem isso para o senhor – disse a professora.

– Você já viu como ele é assustador? E ainda tem aquele cachorro dele... Ele jamais perdoaria a gente ter perdido o barco dele, por isso vamos nos esconder até achá-lo.

Pouco tempo depois, um grupinho de alunos se reuniu para ajudar a resgatar o barco e se livrar da bronca, mas a professora continuava bem tranquila, deitada em uma rede com seus óculos escuros. Completamente amedrontados, os alunos olhavam para os lados sem parar antes de dar qualquer passo. O mato estava alto e machucava os pés de todos ali, árvores enormes cercavam o lugar, e um rio com areia movediça era o obstáculo deles para chegar até o barco.

Aterrorizados, não perceberam o cachorro do senhor se aproximar e ver que o barco não estava mais lá e, notando isso, correr para o seu dono imediatamente. Os alunos ficaram quietos como se tivessem aceitado o destino cruel que estavam prestes a enfrentar.

Os latidos do cachorro ao fundo avisavam o seu dono.

– O que foi, Oswaldo? – perguntava o senhor ao seu cachorro.

Quanto mais latido, mais silêncio dos alunos.

Enquanto isso, ouviram que a esposa do senhor (que não sabia da visita dos alunos) acabara de sair de dentro da mata com uma cara irritada, como se não tivesse obtido êxito no que tentou fazer minutos antes.

Os alunos ouviam um barulho atrás deles chegando cada vez mais perto, e, quando avistaram a esposa chegar cada vez mais perto, de repente outra figura apareceu com desespero. Era a professora.

– Gente, cadê o barco? Logo dará a hora de irmos embora – perguntou a professora.

Após o pequeno susto, a professora decide ajudar os alunos, que agradecem aliviados. Rapidamente, todos chegam à beira do rio e avistam o barco, partindo para recuperá-lo.

A esposa do senhor, estarrecida, atira os braços para cima e solta um grito: – Misericórdia! – E corre ao telefone para chamar a polícia:

– Socorro! Tem pessoas que invadiram meu terreno.

Os vizinhos, ouvindo isso, começam todos a gritar:

– É ladrão! Fechem tudo.

Mais perto do rio, os alunos se lamentavam, pois não conseguiam recuperar o barco que fugiu. Na hora em que estavam perto de pegá-lo, o motor tinha ligado misteriosamente e fugido pelo rio. A professora, vendo a situação, falou com os alunos para todos irem falar com aquele senhor.

Bateram na porta da casa do velho senhor, e ele a abriu em um instante.

– Senhor, sentimos muito. Nós nos desligamos e deixamos seu barco escapar. Os garotos tiraram o olho, pois estava amarrado com uma corda e só depois perceberam que havia sumido – disse a professora com uma voz triste.

– Como assim, pessoal? Eu emprestei meu barco ao meu neto, faz uma semana. Ele... – dizia o senhor quando foi atrapalhado pelo surto da esposa.

Tinha acabado de descobrir quem tinha causado sua irritação mais cedo, os garotos com uma sacola cheia de mangas na mão. A esposa do senhor tinha ido mais cedo tirar mangas e se estressou por não haver mais nenhuma.

Não deu nem tempo de argumentar, chegou a polícia.

– Policiais, foram eles! Os que roubaram minhas mangas.

Os policiais, sem questionar, levaram todos para a delegacia. Depois de uma tarde de explicações, descobriram que o barco era velho e estava abandonado pelos antigos moradores.

Foram liberados apenas à noite. Tinham acabado de perder todo o dia do passeio por conta de quatro mangas.

O "ÊXODO" DA FELICIDADE

Rebeca Silva Pereira
Daniel Rodrigo Silva de Araújo

O início de um novo ano letivo significa a chegada de diversos alunos. Dentre eles, havia um estudante bastante discreto, sempre quieto no seu canto, tímido e ansioso. Entre uma multidão de falatórios e risadas, lá estava ele, sem falar com ninguém. Até tentavam conversar com ele, uma cutucadinha ali, um "Oi" aqui, mas nada, ele permanecia sempre quieto, parecia um figurante dos filmes que nenhuma pessoa nota. Para ele, isso era um pouco triste, não conseguia se comunicar, logo era o último a ser escolhido nos trabalhos e, quando tinha que apresentá-los, passava horas e horas ensaiando o que iria dizer, para que, quando chegasse a sua vez de falar, travasse todo e nem uma palavra saísse da sua boca.

Em certo dia ele desapareceu. Se antes já não era visto, agora que realmente não o viam mais. Só um estudante que se sentava ao seu lado percebeu que ele havia sumido. Não demorou muito, as fofocas correm rápido, e todos estavam falando de um aluno que havia desaparecido... Não, agora falavam de um aluno novo.

Ele não era tão popular, mas, diferente do desaparecido, ele se comunicava muito. Por onde ele passava, se notava a sua presença. Começou-se a se perceber aquele estudante muito presente e ativo nas aulas, apresentações e eventos

que aconteciam. Ele não era tão famoso, mas também não se escondia.

Ele sempre se sentava onde o desaparecido antes se sentava, fez algumas amizades, mas, de vez em quando se encontrava só e quieto em algum lugar. Já o estudante que desapareceu, nunca mais se viu ou se ouviu falar sobre ele lá.

A DANÇA DAS MÁSCARAS

Eduardo Honório da Silva
Maria Clara Vitória Cunha Silva

Na escola onde as máscaras eram tão comuns quanto os sorrisos, acontecia a dança dos disfarces todas as noites, quando todos os estudantes escondiam sua verdadeira identidade por trás de uma máscara cuidadosamente escolhida. Por trás de cada uma delas, escondiam seus medos, inseguranças, defeitos, escondiam quem realmente eram.

Todos se sentavam nas arquibancadas para assistir à dança, cada um com sua própria máscara. Durante a dança, os passos eram ensaiados, e as risadas, forçadas. Era hipnotizante, mas as almas ansiavam por liberdade, prendendo-se à ilusão de que sua máscara era sua verdadeira essência, esquecendo-se de quem realmente eram.

Mas na arquibancada havia aqueles que observavam com olhos bem atentos, viam além das máscaras e buscavam a verdade escondida por trás daquele espetáculo enganoso. Alguns deles questionaram o motivo das máscaras. Seria por medo da rejeição? Por desejo de se encaixar nos padrões impostos pela sociedade? Ou simplesmente porque os alunos não sabiam quem realmente eram?

Então, enquanto a música tocava e a dança continuava, os alunos decidiram quebrar o ciclo. Eles se levantaram e tiraram suas próprias máscaras, mostrando suas faces, quem

realmente eram, com todas as suas imperfeições e vulnerabilidades.

No início, todos ficaram chocados e desconfortáveis, mas aos poucos começaram a se questionar sobre suas próprias máscaras. Seriam mesmo necessárias?

A dança começou a perder seu encanto, os alunos começaram a perceber que não precisavam daquelas máscaras, pois elas não representavam quem eles eram.

Assim, as máscaras foram deixadas de lado e todos começaram a dançar livremente, mostrando sua verdadeira identidade.

APENAS ALGUNS

Ramon Eduardo Azevedo Patricio

No começo, eram 43 pessoas. Algumas se perderam pelo caminho ou não quiseram seguir em frente. Outras simplesmente desistiram. 35 que ficaram não sabiam o porquê de terem permanecido. Estas falaram sobre o que as fez não desistir. Estas também lembravam das coisas que faziam, dos bons tempos e das brincadeiras, mesmo assim seguiram em frente, deixando os outros para trás. Estas ainda seguiram seu caminho visando um dia reencontrar aqueles que não estavam mais com eles.

Aquela sala que um dia já foi bastante barulhenta, hoje, não é mais. Os que faziam bastante bagunça, hoje, estão mais tranquilos. Aquela turma que antes era de 43 pessoas, que não ligava muito para seus atos, hoje, liga mais para o que falam. Aquela turma, hoje, pensa antes de agir.

Posso afirmar que eles – os 43 – evoluíram. Estão mais maduros, mais responsáveis. Aqueles que eram 43 e agora são 35, e esses 35 que restaram, um dia também, irão, sem saber o porquê.

CRÔNICAS DE INFORMÁTICA 2M



Fonte: Mayara Souza (2026).

PERDIDO (EM PENSAMENTOS)

Miguel da Silva Mendonça
Pedro Kauã Chaves Sotero

Peterson relembra o dia em que viajou com a turma em uma aula de campo e também o momento em que ficou sabendo sobre a viagem. Na época, a curiosidade e o entusiasmo sobre o lugar a que iriam só cresciam e cresciam quanto mais o dia se aproximava, mas o receio de ir a uma trilha pela primeira vez, também.

O bichinho, coitado, nunca havia feito uma trilha antes e, para uma primeira vez, algo simples: dois quilômetros de ida e mais dois de volta! Passos aqui, passos acolá, ele lembra da natureza, do som de alguns bichos e dos insetos. De repente, uma música vem à cabeça dele... Mas espere! Ele está focado em lembrar da trilha. Peterson quer se lembrar da trilha.

Lembra também que, na volta, ele só pensava em uma coisa: almoço. Tentando e tentando lembrar de cada detalhe daquele dia, decerto havia gostado muito da viagem. Estava perdido nos pensamentos (ufa! ainda bem que não era na trilha).

Avoado, não ouvia o som de vozes ao fundo, ou melhor, um som de vozes ao fundo. Vozes barulhentas, elas já estavam lá, mas se intensificaram, e intensificaram mais e mais... e de repente... BAM! Um barulho terrível vindo da frente da sala de aula!

O professor havia batido (ou melhor, danado mesmo) a mão no quadro para fazer a turma entrar em silêncio e, adivinha, funcionou. O silêncio era tanto que até Peterson parou de tirar as memórias daquela viagem.

Segundos depois, o professor, como se nada tivesse acabado de acontecer, olha para um aluno (a próxima vítima), aponta para a mão dele discretamente e diz: “Guarda esse celular”. Dito e feito. Silêncio. Fim.

CRIME NO CAJUEIRÃO

Victor Henrique Dantas de França



Fonte: Raquel Sales (2023).

Há um terreno aqui perto em cujo vasto espaço há vários cajueiros, que produzem frutos deliciosos e graúdos. Lá é como uma floresta fechada, sem clareiras. Digamos que é um ponto turístico da minha pequena cidade. A chamamos de "Cajueirão".

– Você não sabe o que eu vi no Cajueirão, bicho.

– Pelo jeito que você falou, foi algo grande. O que aconteceu?

– Eu estava querendo respirar um ar puro, muitas coisas na cabeça, entende? Acabei indo ao Cajueirão.

– E...

– Presenciei algo terrível.

– Sério?! O que você viu?

– Um crime tão condenável que poucos ousam cometê-lo atualmente.

– Mermão, então a coisa foi feia mesmo.

– Eu fiquei em choque.

– OXE, MACHO! DESEMBUCHA LOGO!!

– Vi duas pessoas trocando afeto e palavras de amor.

– UÉ? Mas isso não é algo bom?

– De fato é. Mas não para os dias atuais.

– Oxe? Como assim?

– Olhe ao seu redor, chefe, os irmãos preferem se matar a se amar. O ato de amar está tão escasso que mal se vê, é como se fosse algo errado, proibido. É como se fosse um crime inafiançável, que preferem matar um irmão do que cometer tal crime.

O DESAFIO DO TRABALHO EM GRUPO

Ana Laura da Silva
Sarah Cristina Gomes

Cleber Henrique, um estudante dedicado, enfrentou um dilema familiar para muitos: um trabalho em grupo na escola. Reunir-se com amigos para concluir uma tarefa já era desafiador, mas quando se tratou de lidar com seis adolescentes impacientes, as coisas pareceram ainda mais complicadas.

Após vários dias de encontros infrutíferos, Cleber começou a sentir os efeitos do estresse e da ansiedade. Alguns membros do grupo não compareciam, outros não contribuíam e havia sempre alguém reclamando.

Com o prazo se aproximando, Mario Jorge e Maria Estela, seus amigos, decidiram agir por conta própria, sem consultar o restante do grupo.

Eles trabalharam incansavelmente, mas precisaram gastar dinheiro em materiais que somaram 50 reais. Quando finalmente informaram o grupo sobre seu progresso, surgiu uma discussão acalorada. Cleber, devido a suas condições financeiras, recusou-se a contribuir, alegando que não fora consultado previamente.

A tensão atingiu seu ápice quando, durante a discussão, o trabalho foi derrubado e danificado, faltando apenas um dia

para a entrega. Cleber estava furioso com Mario, que, para se justificar, revelou que ele e Maria Estela haviam feito o trabalho por conta própria. Cleber, em um momento de desespero, exclamou: “Nunca mais faço trabalho com vocês!”

Com o prazo se esgotando, o grupo se reuniu, superou suas diferenças

e reconstruiu o trabalho danificado. Finalmente, eles o apresentaram ao professor.

Ao término da apresentação, o professor anunciou a necessidade de um novo trabalho para encerrar o bimestre. Cleber olhou para seus amigos, suspirou e disse com um sorriso irônico: “Bem, amigos, a vida é cheia de desafios e reviravoltas, mas pelo menos estamos preparados para trabalhar juntos... quer gostemos ou não. Afinal, quem mais aguentaria a gente?”.

O QUE PODERIA DAR MAIS ERRADO?

José Arthur de Azevedo Silva
Lucas Cândido Soares de Figueiredo

Estávamos ansiosos naquele dia. Um abençoado conseguiu a cópia de uma prova idêntica àquela que nós iríamos fazer, e todos se apressaram para copiar e tirar fotos.

O professor chegou. As informações sobre a avaliação foram repassadas. "As benditas" foram entregues.

O tempo foi passando, e todos usaram suas mentes brilhantes para colar da forma mais sutil possível. Alguns colocavam as cópias embaixo da cadeira, outros escondiam o celular na cadeira da frente.

Enfim, tinha chegado a hora de entregar as provas ao professor. Ele com tom de sarcasmo, soltou uma risada que ecoou pela sala e foi dizendo: "Vocês são mesmo muito fáceis de enganar".

Por quê? Ele havia alterado o valor das respostas! As questões eram as mesmas, mas os valores estavam trocados.

A grande conclusão dessa conversa toda: o esforço para colar foi em vão, e mais da metade da sala precisou fazer a prova final daquele temido professor. Férias atrasadas.

QUEM AVISA AMIGO É

Gustavo Jordão Almeida Petronilo
Weniky de Melo Pinheiro

Gabriel era um garoto de estatura média, cabelos cacheados e olhos castanho-claros, tímido e que estudava em um colégio federal muito reconhecido nacionalmente. Seu sonho desde muito cedo era se graduar rapidamente para conseguir um trabalho bom e constituir uma família.

Seu desejo era tão intenso que a chegada de uma novata, chamada Clara, fez com que seus planos fossem antecipados. Ele queria, no dia em que a conheceu, casar-se. Sem nem questionar seu passado, suas referências, seu caráter.

Gabriel, antes de se dar conta, já estava completamente apaixonado por cada detalhe da garota. No entanto, ele tinha alguns colegas no seu colégio: chamavam-se, Ricardo, um garoto alto de cor de pele morena, André, de cor de pele morena e cabelo crespo, e Fernando, que era o mais gordinho do grupo. Os três amigos, que já tinham passado pelo mesmo tipo de problema, perceberam na hora que Gabriel estava se metendo em uma grande enrascada com a bela garota e rapidamente tentaram conversar com o amigo para aconselhá-lo sobre o perigo.

Ricardo dizia:

– Gabriel, tome cuidado, você está acelerando demais as coisas. Antes de qualquer coisa, você precisa conhecer mais o passado dela. Estou tentando te ajudar, quem avisa amigo é!

André dizia:

– Meu grande amigo, tome cuidado! Você está se metendo em um lugar ruim. Antes de tentar algo com ela você precisa analisar suas referências e analisar melhor. Escute meu conselho, quem avisa amigo é!

Já Fernando dizia:

– Meu irmão, você tem que se prevenir, está atropelando os passos. Analise bem o caráter dela primeiro, quem avisa amigo é!

Naquele colégio federal, onde os corredores ecoavam os sonhos de tantos jovens, a história de Gabriel tomava contornos inesperados. Seus olhos castanho-claros, por vezes tímidos, escondiam um anseio profundo por um futuro que, até então, parecia se desenhar de maneira promissora. O garoto ansiava pela graduação rápida, um emprego sólido e, é claro, a construção de uma família. Porém, infelizmente, acabará por atropelar os planos.

Chegou, então, uma notícia conturbada e inesperada que abalaria Gabriel. Ele ficou depressivo, triste e caiu no mundo do alcoolismo, pois sua namorada Clara estava mantendo em segredo cinco relacionamentos, sendo o nosso pobre rapaz somente mais um enganado. Após o término, seus amigos foram sua única fonte de apoio e, mesmo assim, ainda surgiam as brincadeiras: "Eu avisei, quem avisa amigo é...".

SÓ MAIS CINCO MINUTINHOS

Evelyn Karoline Barros de Andrade
Yasmim Fernanda Oliveira da Silva

Com o primeiro ano do IFRN concluído, é comum os alunos começarem a "relaxar" em relação ao horário e à frequência nas aulas. Comigo não foi diferente, comecei a atrasar dez minutos, quinze, e logo passou a ser um horário ou um dia inteiro de aula.

Isso às vezes começa a ser natural e ao mesmo tempo desesperador, principalmente quando é um dia importante de prova. Lembro-me de uma manhã chuvosa quando acordei e decidi que não estava a fim de dar moral ao despertador, pois o sono e o cansaço falaram mais alto. "Só mais cinco minutinhos", pensei, e os cinco minutinhos se tornaram meia hora.

Assim que abri os olhos, pulei da cama e senti meu coração apertar, lembrei que, em exatos vinte minutos, começaria a minha prova de Programação – a matéria mais temida dos alunos do segundo ano de Informática. Naquela hora, tudo começou a dar errado, manchei a farda com pasta de dente, inundei a cozinha da minha casa com uma simples garrafa de água e, para completar, perdi o ônibus.

Eu tremia feito vara verde quando corri para a parada. O ônibus parecia não chegar nunca, e minha cabeça não pensava em outra coisa a não ser na bendita prova.

Finalmente, o amado e esperado ônibus chegou, com um único lugar à minha espera. Assim que me sentei, abri meu celular e vi a mensagem no grupo da turma: "A prova foi adiada".

A TEMIDA MATÉRIA POP

Anderson de Paiva Sátiro
Diego Soares Rodrigues

No corredor silencioso do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – *Campus* São Gonçalo do Amarante, os alunos do segundo ano do curso Técnico Integrado em Robótica Subaquática Aplicada à Psicologia Marinha aguardavam com uma ansiedade palpável e, muitos deles, com uma certa dose de desânimo, a chegada da tão temida matéria POP, Programação Orientada a Peixes. A disciplina seria ministrada por um professor desconhecido, um enigma que pairava sobre os estudantes que já haviam, por escolha ou destino, cruzado o caminho dessa traiçoeira matéria.

À medida que o tempo se desenrolava lentamente, a expectativa pairava no corredor como uma neblina densa, e os burburinhos ecoavam, prenunciando um momento crucial. Os alunos, separadamente, dirigiam-se à sala 34, onde aguardavam o novo professor que traria consigo um conhecimento muitas vezes complexo. Chegando lá, alguns discentes notaram a presença de uma figura inusitada na sala: um jovem que, segundo deduções, parecia ter no máximo dezessete anos, vestindo calça *jeans* e uma camisa polo branca com detalhes verdes minuciosamente escolhidos. Seria ele um novo aluno, cujo propósito permanecia oculto?

Ao soar do sino, às sete horas, os alunos, de forma inusitada, voltaram suas atenções unanimemente para aquele

rosto que não lhes era familiar. O jovem, como resposta, retirou silenciosamente o caderno de sua bolsa e começou a fazer anotações. A turma seguiu em um suspense intrigante, perguntando-se se esse seria realmente o propósito do novato ao envolver sua chegada em um véu de mistério. Após enigmáticos cinco minutos, ele levantou-se, e, ao que tudo indicava, preparava-se para fazer um pronunciamento.

O jovem iniciou o discurso, esbanjando palavras bonitas e misteriosas relacionadas à matéria, e os alunos, por consequência, acabaram mergulhando em um debate intenso que se estendeu por, no mínimo, trinta minutos. Somente nesse momento perceberam que o garoto, cujo nome não era tão jovem – Josimar – era o professor da pavorosa disciplina que, ironicamente, discutia assuntos que seriam considerados enigmas insolúveis no formato convencional de ensino.

O suspense pairava na sala, como uma correnteza subaquática, enquanto Josimar conduzia o debate, revelando aos poucos os segredos e desafios da Programação Orientada a Peixes. A cada palavra pronunciada, a atmosfera se carregava de mistério, transformando aquela sala comum em um cenário onde o desconhecido se entrelaça com a curiosidade, criando um ambiente propício para o desvendar de segredos aquáticos e desafios tecnológicos.

A VIDA DOS OUTROS

Isaac Oliveira de Melo
João Pedro da Rocha Araújo

Mais um dia em que estou voltando da escola a caminho do meu segundo ônibus. O motorista, que já é um conhecido, olha para mim e fala: "E aí, garoto!" e eu educadamente respondo e pergunto-me novamente: "Como será a vida do motorista? Será que tem filhos? Quais são suas metas pessoais?" – entre outras coisas.

Eu me considero uma pessoa muito curiosa e faço perguntas na minha cabeça constantemente sobre como será a vida das pessoas que pegam o mesmo ônibus que eu e invento supostas histórias para suas vidas. Não passam 5 minutos, e uma senhora se senta ao meu lado, despertando a curiosidade novamente. Pela sua aparência, deduzo que ela possa ser aposentada, com cinco filhos e uma má relação com o marido.

Depois de um instante, a senhora se retira da cadeira e desce em sua parada. De novo, outra pessoa se senta ao meu lado, mas dessa vez é uma menina adolescente que provavelmente tem a minha idade. Ela está com seus fones de ouvido e uma cara emburrada, por isso penso que talvez ela possa ter brigado com a mãe pelo celular ou com o namorado por algo fútil, para estar com essa raiva.

O tempo passa, a garota ao meu lado desce, e me vejo sozinho no ônibus. Avisto o banco vazio ao meu lado, e os

pensamentos se voltavam para mim. Por uma fração de segundos, eu percebo o seguinte: reparar e deduzir tanto as vidas das pessoas me afastou da minha própria vida.

PENSAMENTOS FRUTÍFEROS

Carlos Vinícius Gomes da Cunha
Erick Renne moreira Balbino

Enquanto os meus colegas estavam em aula, lá estava eu sentado em um banco perto de uma árvore, apenas observando o azul do céu. Até que algo totalmente inesperado aconteceu: uma manga caiu. Tomei um susto no início, porém, pouco tempo depois, olhei fixamente para a manga e, a partir dali, comecei a me perder em pensamentos.

Primeiramente, nunca tinha me questionado sobre isso, mas por que as coisas caem? Será que só do nada elas decidem que é hora de cair? Não, isso é loucura... Mas e se, na verdade, algo as puxa? Espera, então isso significa que existem espíritos constantemente puxando nossos pés para baixo enquanto não sentimos nada? Não, continua sendo loucura.

Voltando para a manga, o que a fez cair? Quando ela está na árvore, é pequena, verde e nem é boa para comer, mas ao longo do tempo isso vai mudando. Beleza, ela fica mais pesada, mas ainda não entendi... Como diabos essa manga cai?!

Parei mais um pouco, observando a manga enquanto ia andando lentamente em sua direção. Não é possível que eu seja tão burro a ponto de não saber por que uma manga cai. Na verdade, acho que só tenho que parar de dormir nas aulas de Física.

Mas continuei andando para finalmente desafiar essa maldita manga. É hoje que eu descubro o segredo de todas as

mangas – pensei. Até que, quando estava quase chegando lá, quase chegando na glória da descoberta, uma manga simplesmente caiu na minha cabeça!

E a partir desse dia, nunca mais subestimei o poder oculto de uma manga.

PROVA E TENTAÇÃO

Isaac Basílio Nascimento de Aguiar
Isabele Fernanda da Silva Machado

Acordei naquela manhã com um nó no estômago. Sabia que o dia seria um daqueles em que o tempo pareceria escorrer entre os dedos, como areia fina em uma ampulheta. Era dia de prova no IF. As preocupações sobre o que eu sabia e o que poderia esquecer dançavam em minha mente. A luz do sol entrava timidamente pela janela, revelando o mundo lá fora. Enquanto todos seguiam com suas rotinas matinais, eu estava preso em um estado de desespero.

Lá estava eu, naquela sala silenciosa e tensa, prestes a enfrentar mais uma prova difícil de Física. Mas também vi algo que me fez questionar meus princípios – meu amigo Isaac sentado bem à minha frente.

Isaac e eu sempre fomos inseparáveis, crescemos juntos, enfrentamos desafios juntos e agora estávamos enfrentando essa prova de cálculo avançado juntos. Olhei para ele e vi a mesma expressão de preocupação em seu rosto. Aquele olhar cúmplice pareceu sussurrar: "E se a gente colar um do outro? A tentação estava ali, bem na minha frente, como uma maçã proibida que não conseguia evitar olhar."

Isaac e eu tínhamos um sistema de sinais discretos para nos ajudar nas respostas. Ele coçaria o nariz se a resposta fosse A, mexeria o cabelo para B, tocaria a orelha para C... Era um plano aparentemente infalível, e nossa amizade nos dava a confiança de que poderíamos passar despercebidos. E ali, naquele

momento de fraqueza intelectual, enquanto considerávamos copiar um do outro, a vida pregou uma peça tão hilária quanto inesperada.

Justo quando eu estava prestes a coçar o nariz para indicar a alternativa, minha "garrucha de dois canos" resolveu coçar como se eu fosse o protagonista de um esquete de comédia americana! Enquanto isso, Isaac, que deveria mexer o cabelo para a alternativa B, pareceu ter esquecido completamente como deveria conduzir suas madeixas. E, assim, nossa tentativa de colar acabou virando um show de circo na sala de aula, com uma plateia de colegas de turma rindo da nossa desajeitada situação.

Naquele dia, aprendemos que, às vezes, o universo tem um senso de humor peculiar, e é melhor confiar em nosso próprio conhecimento do que em sinais trapalhões.

O DIA DO MASSACRE

Maria Eduarda Araújo de Moura
Mayra Julliane Lourenço dos Santos

Saiu em todas as redes sociais, que hoje seria o dia do massacre. Poucos presenciaram o vazio, a escuridão e o silêncio que ecoava no *Campus*. As salas estavam quase vazias e nas paredes tinha avisos: "Qualquer coisa, corram para o bosque!".

– Corram para o bosque? O bosque estava FECHADO!

Estávamos na sala de aula, quando escutamos gritos vindo do lado de fora. Eu logo fiquei assustado e pensei:

– O que está acontecendo?

– O massacre começa agora?

– Para onde devo correr?

Olhei ao redor e todos estavam apreensivos, em seguida a professora disse:

– Fiquem calmos!

Nesse momento, a professora abre a porta e dá de cara com os alunos fazendo brincadeiras. Chega o final do dia, e ufa... essa foi por pouco. Era apenas *fake news*.

O ESPETÁCULO DO IMPERFEITO

Adrielly Mirella Paixão
Andrey Lucas Silva de Melo

Ah, o pôr do sol... Como ele é lindo, não é? Várias cores se unindo e formando um lindo degradê, enquanto desaparece aos pouquinhos e abre espaço para sua amada, a lua. É aquela cena que sempre nos deixa encantados, com tons de laranja, roxo e rosa tingindo o céu.

Entre outros locais, existia um lugar em que era possível ter a melhor vista de todas, as arquibancadas do Cajueirão, no IFRN. Decidi conferir essa maravilha por mim!

Às quatro horas da tarde, o clima estava ameno e agradável, mas as arquibancadas continuavam desgastadas pelo tempo. Besouros e vagalumes começavam a aparecer, anunciando a chegada da noite, enquanto o sol se preparava para sua despedida mais uma vez. Tudo indicava que seria uma vista digna de uma pintura renascentista.

Eu esperei, ansiosa, o momento em que o sol começaria a se pôr, mas, para a minha surpresa, estava diferente. O céu, em vez de se tingir com cores mágicas do entardecer, estava completamente sem cor, como se tivesse esquecido de se pintar, naquela tarde.

Era um branco terrivelmente sem graça. Ao olhar mais um pouco, percebi um laranja claro, sem vida, que era preciso esforço para enxergar. O que era aquilo? Fiquei sem palavras

para descrever a cena. Não era uma paisagem colorida, de beleza.

De forma peculiar, a cena inesperada se tornou um presente da mãe natureza, acabou se tornando mais memorável que um espetáculo perfeito. Afinal, por que precisaríamos de um pôr de sol convencional quando podíamos ter um que nos faz apreciar o lado imperfeito da vida?

EXAGERO

Joyce Monique Costa Rodrigues
Raquel da Silva Sales

Estou há dois anos no IFRN e venho por meio desta crônica declarar minha indignação. Por favor, leiam com atenção a reclamação de um estudante irritado. Entrei no Instituto Federal do Rio Grande do Norte achando que estaria numa boa escola, mas entrei num lugar fantástico. É bom demais, por isso estou reclamando. É dinheiro demais! Esse é o problema. É tanta verba que sobra dinheiro, e ninguém sabe o que fazer. Posso estar enganada, mas acho que o IF está exagerando demais.

Tenho razão de estar zangado e tenho muitos motivos para dizer o porquê. Começando pelos computadores, são tão modernos e prestativos. Os do laboratório de Informática nem se fala, nunca vi nada parecido, é de se assustar. O computador é tão rápido que ele sofre de um curto-circuito e nem liga, outros estão lá há tão pouco tempo que tem uma mancha enorme no monitor. As teclas do teclado são muito novas e macias demais.

Nas salas de aula é a mesma coisa, o projetor e o computador são de uma qualidade absurda, chega a dar dor de cabeça para os professores às vezes, porque as máquinas, por serem de qualidade superior, acham que podem simplesmente não funcionar direito e agir como querem.

É terrível, e nem falei dos belos gramados verdes, uma vegetação rasteira que cobre o *campus*. Tão rasteira que é maior do que eu na altura. O *campus* tem um terreno enorme, mas nem 50% é aproveitado.

A vida é triste e complicada, bem queria que o *campus* realmente tivesse todo esse dinheiro. Mas é assim que seguimos, imaginação e bom humor é uma boa forma de adoçar o jeito que se olha para a vida ao nosso redor. Nada que um cafézinho lá em Tio Canindé não resolva.

AMOR DE ESCOLA

Alisson Gabriel Dantas Ribeiro
Lucas Lourenço dos Santos

Pergunto-me quem nunca teve um amor daqueles dos corredores de uma escola, que está envolto em olhares e desejos, os mesmos que agora me fazem delirar.

Observava atento os seus movimentos, até os pequenos fiapos de seu cabelo, procurando seus gostos. Para os outros, isso parecia um agouro do que estava para acontecer.

Desde então, passei noites acordado e nervoso, lembrando dos momentos em que ficamos lado a lado, mesmo que no embalo desses dias movimentados.

Nas manhãs chego atento e animado, mesmo que tenha dormido pouco nas noites anteriores. Ver você me deixa mais do que desperto; olhando o relógio, espero o momento de acompanhar os seus passos.

O momento é pequeno, tão pequeno que podemos olhar o relógio e os seus ponteiros que ainda estão parados. A memória do seu rosto me atormenta pelo resto do dia.

Espero tanto tempo para vê-la que me faltavam palavras para falar. O nervosismo bate forte no coração, impossibilitando qualquer declaração que já tenha pensado. Meus amigos já estão fartos disso. Falo, escrevo e fico perdidamente feliz declarando que estou descobrindo um novo mundo.

No fim, é só mais um amor de escola e, como tal, passará tão rápido que, ao olhar o calendário, o ano ainda permanecerá o mesmo.

BELA VISTA

Josué Luis Silva da Cruz
Samuel Victor Guimarães de Morais

O IFRN, a obrigação que me faz acordar todo dia, o motivo dos meus estresses contínuos e das minhas noites maldormidas, dos meus banhos gélidos e dos meus olhos inchados, mais uma vez me fez ficar de pé às seis horas da manhã para assistir às aulas nas quais durmo a maior parte do tempo.

Dois ônibus, em um trajeto de vinte quilômetros, adultos indo para o trabalho, crianças de colo chorando, pessoas que praticam exercícios aeróbicos que impressionantemente estão fedendo às seis da manhã, tudo isso em um percurso que aparenta ser infinito.

Surpreendentemente, existia um lugar vago, e eu não poderia deixar a oportunidade passar – péssima escolha. Acabo adormecendo sentado mesmo. Na minha concepção, haviam se passado somente cinco minutos. Olhei para fora a fim de ver quanto tempo faltava, vi algumas árvores, pássaros, um grande rio... Tudo como de costume, acho que vou dormir mais até chegar à parada... Espere! Eu não passo pelo rio! Sem ao menos perceber, eu havia ultrapassado em mais de um quilômetro o local de descida.

Levantei-me às pressas, puxei a cordinha, atropelei algumas crianças e idosos em minha descida e corri por dez minutos só para alcançar o próximo ônibus... Esforço à toa, já o tinha perdido. Acabo chegando na escola às nove horas. Só me restava continuar dormindo nas próximas aulas. Pelo menos a vista do rio foi bonita.

FUGINDO DA REALIDADE

Irislene Ramos Xavier

Tentando tirar de sua cabeça a prova de Matemática que teria na mesma manhã, ela se prendia ao que via e a tudo que aquilo significava para ela.

Via pássaros voando, e isso a fazia sentir uma enorme leveza por, enfim, estar tirando os pés do chão e deixando-se libertar.

Ah, e aquelas coloridas borboletas voando em diversas direções que eram seguidas pelo seu olhar encantado? Faziam-nas pensar em como eram antes de terem as cores mais vivas.

CRÔNICAS DE LOGÍSTICA 2M



Fonte: Mayara Souza (2026).

UM ROMEU SEM JULIETA

Guilherme Adzeus Araújo de Brito
Janilson Jonathan Guedes Moura

Num mundo onde o amor é tão raro quanto uma flor na neve, vivo, sendo um jovem sonhador e romântico que acreditava firmemente no amor à primeira vista. A busca incessante pela minha Julieta me guiou por todos os lugares, até que um dia, enquanto caminhava pelos corredores de um *campus* do IFRN, meu olhar se deparou com uma menina sentada em um banco.

Seus cabelos cacheados pareciam me prender com mais força do que qualquer nó já feito, seus olhos escuros como uma noite de domingo e um sorriso encantador conquistariam até o homem mais rude. Eu, tão inseguro quanto à minha própria altura e timidez, questionei internamente por que uma garota tão deslumbrante estaria interessada em mim. Mesmo com o medo, resolvi me aproximar, e horas se passaram enquanto conversávamos. Senti pela primeira vez que havia encontrado minha tão esperada Julieta. Porém, minha alegria foi efêmera.

Apesar da beleza da menina, seu caráter revelou-se questionável, tratando-me com indiferença e frieza. Fiquei arrasado, não entendi o motivo daquele tratamento. Com o coração dolorido, saí sabendo que ela não era a tão sonhada Julieta. Seguiram-se meses de depressão, perdidos em pensamentos.

Eu me pergunto se, se eu fosse mais alto ou mais forte, ela me amaria? Eu não conseguia comer e nem dormir, pois a

inquietação me consumia, e eu ficava me questionando se eu mereço ser amado. Eu caminhava sem rumo, olhando para o espaço, sentindo que o mundo havia perdido o brilho, convencido de que Julieta só existia nos confins dos meus sonhos.

E NO FINAL NEM TUDO SÃO FLORES

Natália Sophia Melo Araújo
Thacio Henry dos Anjos Silva

Hoje começa a gincana dos calouros, e todo ano é sempre a mesma coisa, uma correria para a organização. Enquanto os veteranos estão fazendo as provas finais e apresentando o seminário de finalização de curso, os calouros estão vivendo os primeiros momentos na instituição como se já fossem os últimos.

Desta vez, uma das turmas decide inovar na apresentação de abertura, e não há nada que os impeça de alcançar o pódio. Esse momento se torna o mais esperado por todos, quando até quem não sabe dançar é obrigado a fazer alguns passos um pouco desajeitados, mas que continuam sendo essenciais para que a apresentação final seja suficiente para levar o primeiro lugar.

Entre performances difíceis, música envolvente, máquina de fumaça, aconteceu a melhor apresentação de todas. A sincronia era perfeita, as músicas, animadas, e tinha um diferencial: cambalhotas extraordinárias com jogos de luzes que encantavam a todos que viam o espetáculo.

Depois de toda essa emoção, o momento mais esperado, que era o das provas e jogos, começou. Era aí que surgia a rivalidade entre cursos, mesmo entre as turmas que não competiam. Todos tiravam um tempinho entre as aulas para

ir assistir, e quem tinha amigo de outra equipe deixava de lado a amizade para competir. A prova de queimada era a hora em que juntavam agilidade em fazer movimentos frenéticos e estratégia para não acabar sendo um daqueles que leva uma bolada no rosto ou é queimado primeiro. Parecia coisa de filme a maneira como o pessoal se contorcia e se jogava no chão para fugir da bola.

No final, a equipe por quem ninguém dava nada ganhou, surpreendendo a todos. Foi acirrado, mas, de última hora, o placar virou. Quando acabou todo o movimento, e o sangue esfriou, eles se deram conta de que no outro dia haveria uma avaliação, então foi como um banho de água fria. Mas o momento valeu, só não a nota que tiraram no final do bimestre, o que os fez pensar pelo resto do ano que até quem ganhou saiu perdendo nesse quesito. Apesar de tudo, aproveitamos bastante, fizemos e perdemos amizades, nos estressamos e brincamos também. Fazer o que, né? Nem tudo são flores.

NOTAS, APELIDOS E APRENDIZADOS

Andryi Klei Silva do Nascimento
Pedro Arthur Santos Martins

A escola, um lugar cheio de histórias, é onde cada aluno vive a saga das

notas, dos apelidos e dos aprendizados.

As notas, como pequenas medalhas, dividem opiniões. Alguns as encaram como conquistas, frutos de esforço e dedicação, enquanto para outros

são fonte de preocupação. No final, porém, são apenas parte da jornada educativa.

Os apelidos, linguagem própria dos corredores, podem ser afetuosos, são laços de amizade; outros, infelizmente, ferem profundamente, e são muito cruéis. Entretanto, todos eles moldam as relações e criam identidades alternativas.

No círculo dessa experiência, estão os aprendizados. Mais que matérias dos livros, é lá que se aprende sobre amizade, resiliência e celebração. São lições que vão além do conteúdo acadêmico, moldando o caráter dos estudantes.

A jornada escolar é um ciclo de descobertas. Cada aluno contribui para a riqueza da comunidade, deixando para trás muito mais que notas e apelidos. Levam consigo valiosas lições e memórias que os guiarão para além dos muros da escola, preparando-os para a jornada da vida.

TROLLAGEM

Émile Freitas Almeida
Luana Beatriz Barreto Caciano

Na terça mais ensolarada daquele mês de julho, um grupo de amigos se

reuniu para realizar um trabalho. Dentro da sala, surgiu um barulho baixo o suficiente para não se ouvir atrás da porta e alto o bastante para ninguém dentro da sala conseguir se concentrar. Porém, de repente, vozes do lado de fora chamaram a atenção do grupo, que deixou o trabalho de lado e foi ver o que estava acontecendo. A agitação foi tão grande que alunos de outras salas foram ver a confusão.

– Solte meu cabelo, sua ridícula! – disse uma.

– Solte você meu cabelo, sua idiota! – disse a outra.

Amanda e Laura estavam brigando, aos berros, puxando o cabelo uma da outra. Até um vídeo o pessoal gravou.

Lucas, irmão de Laura, tentou separar as meninas, porém acabou saindo machucado. Pouco tempo depois, Helena, diretora da escola, pôs um fim na briga. As duas alunas envolvidas na confusão foram parar na direção.

Após todo o sermão que as meninas levaram da diretora, confessaram que tudo não passou de uma simples brincadeira de mau gosto, querendo "trollar" seus amigos de turma. Depois da conversa com Helena, foram chamados os pais das alunas para que elas fossem liberadas.

ENTRE CARROS E PENSAMENTOS

Ellen Flávia Nascimento da Silva
Laura Maria Marinho César

Poder voltar para casa após um longo dia de aula é algo que deixa a maioria dos alunos felizes (ou talvez, até, todos eles). E, claro, não seria diferente para mim. Sorri comigo mesmo ao pensar que, meu Deus, esse longo dia de aula finalmente acabou.

Após ultrapassar a saída da escola, recuei, assustado com o carro passando em alta velocidade na minha frente: Como eu não vi isso? – Me perguntei, percebendo que me distraí olhando para uma pessoa que acabara de topar no batente da calçada.

Continuo caminhando, para finalmente atravessar a rua. Desta vez, olho para ambos os lados e vejo um carro, longe o suficiente para eu atravessar, mas perto o suficiente para me transformar em um personagem de desenho animado, daqueles que ficam amassados no chão, se eu demorasse em meus passos.

Nesse momento, lembrei-me de Tom e Jerry... Em quantos episódios isso aconteceu? Será que as crianças ainda assistem? E foi assim que me distraí mais uma vez...

Quando ouvi o som do pneu derrapando com a tentativa de freio do motorista, meu coração acelerou. Instintivamente, olhei em direção ao carro, vendo através do para-brisa o rosto do homem que quase acabara com a minha vida:

– Esse pessoal de hoje em dia aparentemente compra a carteira, apenas assim para dirigir tão mal, eu claramente estava na preferência – falei irritado, voltando a andar.

O coração estava quase saindo pela boca de tão acelerado, afinal, quase tinha perdido minha vida segundos antes por minha própria culpa (não que eu fosse admitir). Chegando próximo a minha casa, já pensando no descanso, acaba passando na rua um motoqueiro fazendo "randandandam" e, por um momento, aquele barulho me lembra de quando estamos no São João soltando aquelas bombinhas de qualidade duvidosa.

Abrindo a porta da minha casa, reflito que o caminho da escola até aqui daria um ótimo conteúdo, bem mais que os seminários que tive que assistir por uma hora sobre o trânsito do Brasil. Toda essa história do que aconteceu tempos atrás seria cômica se eu não estivesse deitado em um leito hospitalar enquanto escrevo. É... parece que não prestar atenção na rua, enquanto a atravesso, finalmente teve consequências (e não foi das melhores).

MATEMÁTICA

Fábio Fernando Silva de Brito

Na aula de Matemática, quando *x* e *y* parecem conspirar para confundir até o mais destemido dos alunos, o professor se transforma em um verdadeiro mágico dos números. Ele tenta convencer a todos de que "seno" e "cosseno" não são feitiçarias, mas conceitos lógicos. A plateia, composta por estudantes perplexos, assiste a esse espetáculo com a mesma expressão de quem presencia um truque de mágica impossível.

Enquanto alguns alunos tentam encontrar sentido nos enigmas matemáticos, outros parecem acreditar que a álgebra é um idioma alienígena, enviado para testar a paciência humana. Há sempre aquele estudante que, em vez de resolver a equação, tenta negociar com os números, como se estivesse regateando em um mercado persa.

E quando o professor pede para mostrar os cálculos na lousa, é como se um improvável desfile de grafites abstratos ganhasse vida. As setas e os símbolos misteriosos se multiplicam, formando um autêntico mural matemático caótico.

No final, a sala de aula se torna um palco de comédia involuntária, onde os tropeços nos números são risíveis, e as tentativas de decifrar os problemas matemáticos mais parecem um esquete de improviso. Considerando que alguns alunos saem da aula com a sensação de terem enfrentado um circo de números, é inegável que a Matemática, com toda sua estranheza, também tem seu lado cômico.

O AMARGO SABOR DO CAJU

Thales Kayke Alves dos Santos
Vitória Iorrany Vieira Silva

Numa manhã ensolarada, aquelas do tipo que fazem as aulas parecerem eternas, Vick e Kayke tiveram a ideia de fugir do tédio escolar e embarcar em uma aventura inusitada: colher cajus maduros no local que chamavam de "cajueiro". A ideia que eles tinham de uma fuga emocionante e o sabor tentador dos frutos os motivaram a abandonar a sala de aula entediante.

A caminhada até o cajueiro foi cheia de risos e expectativas, enquanto os amigos se esgueiravam nos matos, tentando não esbarrar nas urtigas. Ao chegarem, os cajueiros carregados daquelas frutas amareladas e avermelhadas pareciam sorrir para eles. Entusiasmados, Vick e Kayke começaram a colher os cajus, ignorando totalmente as vozes que sussurravam em seus ouvidos que não deveriam estar ali, pois era errado.

A diversão atingiu o seu ápice quando decidiram realizar uma competição para ver quem alcançava os cajus mais altos. Mas o destino decidiu intervir de maneira trágica. Num momento de competitividade, Vick desafiou Kayke a pegar um caju no topo de um galho frágil. Kayke, não querendo amarelar no desafio, aceitou. Com um salto entusiasmado, Kayke alcançou o caju no galho precário.

A planta, porém, não suportou o peso repentino, e o que era para ser uma simples gazeada de aula transformou-se em

um desastre. O galho se partiu, levando Kayke numa queda em direção ao chão.

Os risos pararam rapidamente, dando lugar a um ambiente de terror misturado com incredulidade. Vick, ainda segurando sua sacola de cajus, observava horrorizada a cena diante dela; Kayke, impressionantemente ileso, levantou-se desorientado todo capenga, enquanto o caju que desencadeou a tragédia permanecia intacto ao seu lado, porém, podre.

O silêncio desconcertante foi quebrado por uma risada nervosa de Vick, seguida por uma gargalhada quase histérica de Kayke. Os dois amigos, cientes da absurda situação que acabou de acontecer, não puderam conter os risos.

A tragédia evitada e o caju vilão tornaram-se motivo de risos e piadas internas constantes entre Vick e Kayke. E, assim, entre gargalhadas e alívio, decidiram que, da próxima vez que decidissem faltar à aula para colher cajus, tomariam mais cuidado. Foi assim que o caju, inicialmente, apenas uma fruta comum e saborosa, se revelou o protagonista de um plano de assassinato que felizmente falhou.

VOCÊS VÃO FAZER A PROVA?

Ana Carolina dos Santos e Sabrina Natália de Oliveira Lima

– Vocês vão fazer a prova do IF? – perguntou uma mulher dentro de um carro que acabara de parar em nossa frente. Ficamos muito felizes, afinal, no calor do meio-dia, tudo o que menos queríamos era ter que entrar em um ônibus lotado de pessoas suadas e com cara emburrada. Eu (que iria fazer a prova) e minhas amigas respondemos em alto e bom som:

– SIM!

– Então, entrem! Estamos indo para lá também! – disse ela.

Lembro que, no carro, além da moça que nos ofereceu a carona, havia duas meninas: uma no banco da frente e outra no de trás. Deduzi que fossem suas filhas.

Durante o percurso, eu só sabia pensar em como as coisas estavam dando certo durante o dia e na quentinha que estava levando para o almoço, pois o horário não me permitiu comer com tranquilidade. Mas tudo valia a pena,

afinal, era a prova do IF!

Chocolates, água, bolsa, almoço, as meninas, documentos... Peraí... Documentos? Estávamos prestes a descer do carro quando me dei conta de

que minha identidade – simplesmente, incrivelmente e terrivelmente – não estava lá.

Fiquei sem reação e suava. Meu coração acelerou, comecei

a ficar mais atenta aos detalhes: o som do carro, as vozes das meninas conversando com a mulher, meu pensamento desesperador, todo o esforço de chegar até ali pareceu que foi por água abaixo exatamente naquele momento.

Olhei para as meninas. E mesmo que elas tenham entendido o que meu olhar queria dizer, perguntaram, com a esperança de estarem enganadas:

– O QUE HOUVE?

Respondi calmamente, mas com medo de receber uma grande e terrível bronca além da que eu já estava dando em mim mesma, em minha cabeça. Disse sussurrando, para amenizar a situação:

– Eu esqueci a identidade...

– Está tudo bem? – perguntou a moça no volante.

– ESTÁ TUDO ÓTIMO! – respondemos em alto e bom som.

O carro estava parando, tínhamos chegado em frente ao *campus*. Ao descer do carro, o pensamento que não saía de minha cabeça era o medo de as meninas cuspirem fogo em mim, ou seja, eu estava em perigo. Tive que ligar para a vizinha, pois o telefone de casa estava desligado. Ela informou exatamente tudo ao meu pai, que pegou a identidade no quarto e a entregou ao meu tio.

Finalmente, quando o portão estava quase fechando, meu tio chegou na moto e me entregou a identidade. Deixei o almoço que estava comendo de lado, entrei e consegui suspirar de alívio.

Depois de sublimar em uma tarde toda...

– E aí? Fez a prova? – as meninas perguntaram.

Eu respondi em alto e bom som:

– SIM, EU FIZ!

VIDA EFÊMERA

Débora Vitória Nascimento dos Santos
Maria Eduarda Valença de Siqueira

Eram 7 horas quando o assassinato ocorreu. Um crime execrável, a morte de uma bela jovem que ainda tinha muito para viver. O autor do crime? Ah, se eu contar, ninguém vai acreditar: uma professora! Sim, uma professora de Português! Daquelas que têm o olhar açucarado capaz de enganar qualquer indivíduo, mas, por trás daqueles doces olhos, carrega uma intenção funesta.

Aconteceu durante uma aula de Português. A afável professora propusera a construção de um texto. Foi então que Lara começou a cultivar ideias... Não só cultivar, parir, alimentar, criar, cuidar e dar todo seu amor! Lara já considerava a ideia sua filha, até a batizou de "Cleitinha". Ela já estava apegada, mesmo tendo se passado apenas cinco minutos desde que a professora começara a explicar o trabalho. Mas tão repentina quanto a afeição de Lara por Cleitinha, foi a restrição da professora a respeito do tema do trabalho.

Algo dentro de Lara morreu, todos os seus esforços foram vãos. Cleitinha tinha partido dessa para uma melhor. Após ter presenciado o assassinato impiedoso de sua amada filha, Lara decidiu se vingar.

Cleitinha não merecia isso, ainda tinha muito para viver, uma jovem tão bela assim não poderia morrer de repente. A

vingança de Lara tinha sido bem arquitetada, ela iria jogar o feitiço contra o feiticeiro, usar o texto que a professora propôs contra ela...

Lara fez um texto enorme falando sobre a crueldade da professora.

NO REFEITÓRIO

Luiz Kawã Felix Montenegro
Victor Hugo Barbosa de Oliveira Silva

No coração agitado de nossa escola, um local peculiar exerce sua magia cotidiana: o refeitório. Esse recanto, muitas vezes subestimado, é palco de encontros e descobertas que permeiam nossa vida estudantil. É onde os aromas se entrelaçam, os sabores e as amizades se solidificam.

Ao adentrar o refeitório, somos recebidos por um tumulto alegre de vozes e risadas, o zumbido característico de um ambiente onde os estudantes se reúnem para saciar não apenas a fome, mas também a sede de convivência. Mesas e cadeiras dispostas de maneira aparentemente aleatória se transformam em cenários de confidências, piadas internas e debates acalorados sobre os temas mais variados.

O refeitório também é um lugar de descobertas culinárias, onde os alunos trocam dicas sobre os melhores pratos do dia ou compartilham suas receitas secretas para melhorar o sabor da comida escolar. Às vezes, há aqueles valentes exploradores gastronômicos que se aventuram a experimentar novos pratos exóticos, enquanto outros preferem ficar com suas escolhas seguras.

Mas nem tudo são risos e brincadeiras. O refeitório também é um campo de batalha social, onde intrigas de adolescentes e dramas românticos se desenrolam. Suspiros discretos são trocados, olhares temidos são lançados e corações são partidos, tudo sobre o teto acolhedor do refeitório

onde as emoções dos adolescentes são variadas quanto os itens do menu do dia.

Por fim, ao deixarmos o refeitório para trás, carregamos conosco as refeições e as lembranças compartilhadas, das risadas divididas e das amizades que se fortaleceram em meio a bandejas e copos.

Assim é o refeitório. Apesar de ser um espaço físico, se transforma em um capítulo importante da nossa jornada escolar, onde sabores e segredos se entrelaçam para criar memórias que carregamos para a vida toda.

MAIS ABOMINÁVEL

Flávia Alessandra de Macedo Veras
Vitória Patrícia Silva dos Santos

Francisquinha acordou para ir ao IF. Mal podia esperar para saber qual seria o perrengue do dia. Arrumou-se e foi em direção ao seu ponto de ônibus.

Avistou de longe aquele tenebroso ônibus azul, conduzido por Seu Manel, como o piar de uma coruja trazendo todo seu mau agouro em todo o trajeto que ele percorria, ela subiu o degrau lentamente à espera de sua grande recepção.

– Bom dia, Seu Manel. – O silêncio pairou naquele ônibus.

Sem resposta, ela passou pela catraca e se dirigiu ao assento mais próximo daquele agonizante retângulo de aço, até feliz com a recepção do dia. Afinal, foi bastante normal considerando o humor terrível do motorista. Francisquinha mal sabia o que iria presenciar, apesar de já conhecer a má fama do ônibus em que estava.

Passado o tempo naquele abominável motorizado, subiu uma mulher com sobrancelhas franzidas e olhos ferozes fitando bruscamente Seu Manel. Ela passou pela catraca e esperava o melhor momento de todo aquele percurso, a

hora de ir embora. Chegando em seu ponto com uma faísca da felicidade surgindo em si, ela pede parada, e o motorista, com toda sua gentileza, passa do seu ponto.

Ela, furiosa, profere os seguintes “elogios”:

– Seu rabugento, desgraçado de uma figa!

Seu Manel, que estava de bom humor, nem pensou tanto

em sua resposta e mandou todas as pessoas descerem do ônibus, soltando outras de

suas falas indecifráveis.

Então, Francisquinha lá estava, na parada de outra cidade, finalmente

livre daquela experiência horrível, mas sem o dinheiro da passagem para outro

automóvel do horror.

SISTEMAS E SUAS COMPLEXIDADES

Bruna Sousa Siqueira
Edlla Rayanne dos Santos Andrade

Em meio a risos e bocejos, o professor de Matemática apresentou, com todo seu entusiasmo, o tão temido "sistema de equações". Os alunos, confusos, entreolhavam-se como se tivessem entrado em um universo paralelo, onde números se transformavam em letras, e a lógica se perdia no ar. Questionaram o porquê de tanta complicação; afinal, números são números, e letras são letras, não é mesmo? Mas o professor, com um ar de sabedoria e paciência, explicou que essa junção improvável é uma forma de resolver problemas mais complexos e abrangentes.

Lá no fundo da sala, foi possível ouvir uma voz grave e sarcástica que dizia:

– Professor, sistema de equações, por acaso, seria aquele esquema que eu monto com a morena?

O professor olhou espantado e o questionou:

– Como pode isso? Esse menino só pode estar brincando comigo. Os outros alunos rapidamente começaram a gargalhar, e logo começou aquela algazarra.

Para não estragar aquele dia, justamente porque era véspera de seu aniversário, o professor resolveu ensinar uma pequena música sobre o assunto para sanar todas as dúvidas de forma divertida. Ele começou a cantar em forma de *rap*:

“Num mundo de incógnitas a desvendar, sistema de equações a nos guiar, com variáveis a resolver, vamos juntos, sem temer. Equações, equações, mistérios a decifrar, em busca das soluções, vamos continuar, com Matemática e ocupação, encontraremos a solução...”.

E assim, entre estresses, equações, letras dançantes e risos descontraídos, finalmente a turma percebeu que a combinação dos números com as letras não passava de uma piada cósmica do universo, um desafio divertido para exercitar a mente e nos lembrar que, por mais complexa que seja, a Matemática sempre nos reserva surpresas e lições valiosas.

O JOGO DA DISCÓRDIA

Ádila Cybelle da Silva Belo
Maria Jadna Dantas Lourenço

Todos estavam reunidos na sala de aula do *Campus* Songa. Lembrando, eu disse reunidos, porque eles não estavam nada unidos! Havia grandes e pequenos bichos, monstros, bestas, feras, animais furiosos, nem sei como chamá-los. Já tinham se alimentado naquele dia, mas estavam prestes a engolir uns aos outros ali mesmo. Gritavam muito alto, assustando a todos os que ouviam aqueles ruídos ao longe. Com o tempo, era cabelo voando para um lado, objetos estranhos e aleatórios para o outro. Os coitados dos monstros pequenos, que eram mais calmos, não aguentavam mais.

Até que um monstrinho de lindos cachos dourados ia engolir o pobre grupo da broa de goiaba... Aí não dá! O professor interveio. Os monstros, ou melhor, os alunos, não paravam de reclamar:

– Que é isso, professor? O grupo do suco foi terrível – disse um aluno revoltado.

– Deu tudo errado, sobraram recicláveis e faltaram salgados – afirmou outro aluno na frente da sala.

– Cala a boca! – gritou outro lá atrás. Só se sabe que, ao final da discórdia, o professor saiu da sala rindo.

– Foi divertido, pessoal. Só me lembrem de nunca mais fazer esse tipo de dinâmica com vocês.

"Como é que um dia pode ser lindo, se houver feras indomáveis à solta?"

NA TRILHA DAS SENSAÇÕES

Ester Emmili Barbosa Pereira
Maria Lucicleide da Silva Bezerra

Após um dia cansativo de estudos no IF, daqueles em que escrevo até minhas mãos doerem, as horas já estão sendo contadas para o final do ano letivo. O cansaço acumulado sobre meus ombros me faz pensar incansavelmente nas inúmeras provas, projetos, trabalhos, seminários, relatórios e atividades que hão de ser concluídos. Nesses dias, o único espairecer que me resta é caminhar pelo bosque, sentir o vento em meu rosto e implorar à natureza por paz momentânea.

No entanto, naquela manhã nublada, algo parecia estranho: o clima parecia ainda mais exaustivo, e o peso em meus ombros era ainda maior. E, para completar, um ruído que rompia das folhas me inquietava. Era um remexido para cá e para lá, ecoando em minha cabeça, me seguindo e se tornando maior a cada passo.

Seria uma cobra ou outro rastejador? Será que eu estava sozinha mesmo? E se eu estava, por que aquela sensação me acompanhava?

O barulho se tornava cada vez mais intenso, o coração, acelerado, as mãos, trêmulas. Senti o medo tomar conta de todo o meu corpo. Minha garganta parecia fechar. Cada vez mais, era como estar em um pesadelo sem fim... Até que: TRIMMMMM!!!

O sinal tocou e estava na hora da prova final de Matemática.

PASSA PARA O PRÓXIMO

Ana Clara Bastos Miranda Magalhães
Maria Fernanda Felipe Alves

Rabiscos embaralhados estão tomando conta da minha visão. Não sei ao certo se isso se trata de alucinação sem sentido ou de algo real. Na verdade, nem mesmo sei se é nisso que meus pensamentos estão focados. Lembro-me do "mais tarde", em que as preocupações me dominam. Planejo onde, quando, como vou resolvê-los e, até mesmo, o que vou fazer, caso não resolva. Dias, semanas, meses se passam. Cansei! Passa para o próximo.

As horas continuam se passando e ainda estou aqui, lembrando do dia em que ri alto demais, que levei uma patada do professor, que caí na frente daquele menino bonito... Estou envergonhada demais agora. Passa para o próximo.

Penso em coisas impossíveis, uma história de amor que não vivi. E se meu personagem favorito vier ao meu encontro? Acho que vou escrever um livro. Eu bem que poderia fazer um esporte, não é? E se eu passasse na sala dele? Nós nos esbarraríamos, talvez? Passa para o próximo.

De repente, estou de frente para a lousa. Vejo anotações de algo que olhei, mas não vi realmente. Os rabiscos continuam sem sentido para mim. O mais tarde se tornou agora. Os meses foram apenas quatro horas. Eu deveria, mas não prestei atenção. Eu realmente ainda estava aqui, mas não realmente. É! Passa para o próximo.

12h, na sirene da escola: TRIMMMMMMMMM.

A BAGUNCEIRA

Letícia Maria Freitas da Costa

Somente há uma semana no *campus*, tive a oportunidade de conhecer melhor uma aluna chamada Bianca, famosa em toda a escola porque não queria assistir às aulas, fazia um tumulto por nada e ainda não queria realizar nenhum exercício, independentemente da disciplina escolar.

Felizmente ou infelizmente, precisei me sentar a seu lado no auditório, para assistir às apresentações das turmas, em um evento denominado "Interveteranos".

Logo de início, já puxou conversa comigo e me melou com seu lanche (vale lembrar que não se pode comer no auditório). Como eu já sabia dessas atitudes de Bianca, tentei ficar relaxada.

Antes de o evento iniciar, uma professora perguntou quem queria falar ao microfone. Ela, sem nenhuma consulta, disse que eu (logo eu) gostaria de recitar um poema. Isso não tem cabimento! Como pode uma criatura fazer isso com a outra? Diante de duzentas pessoas? É o que nós chamamos de pessoa sem noção nenhuma.

Em questão de milésimos de segundo, para não passar vergonha ainda maior, lembrei-me da disciplina Gestão de Estoque, no Curso de Logística, quando devemos prever um plano B, diante de uma situação inesperada. Então, não tendo nada de memória, resolvi cantar uma música, mas explicando que a letra já tinha sido um poema.

Todos me aplaudiram, e eu aprendi a lição para o resto da vida: NUNCA MAIS ME SENTAR PERTO DE BIANCA!

O “TEMIDO” RUY PEREIRA

Enzo Vinícius Martins de Araújo
Teresinha Rilderlany Silva de Melo

Em uma tarde sossegada com os amigos no IFRN, uma forte chuva caía sobre a cidade de São Gonçalo do Amarante. O terceirizado desejava limpar o local onde estávamos e por isso disse: – Vocês devem ir embora! As aulas foram canceladas, e a escola irá fechar!

Como não havia outro jeito, retornamos à parada de ônibus. Esperamos muito tempo até que um ônibus apareceu: o temido Ruy Pereira. Todos os alunos (incluindo os que moram nesse bairro e precisam pegar esse transporte) têm medo dele devido a sua alta velocidade, suas frequentes curvas e lombadas, além da demora para sair do bairro. Como todos se sentiam cansados de esperar outro transporte, resolvemos pegá-lo (nossa pior decisão).

A viagem começou bem, o problema se deu quando entramos no temido bairro Ruy Pereira e a confusão entrou em processo: o ônibus estava tão veloz que, junto com as curvas e as ladeiras, tudo se assemelhava a uma montanha-russa. Havia tantas lombadas que associamos a cavalgadas e, para ficar pior, o ágil ônibus atolou em um enorme e fundo buraco cheio d’água.

Todos os passageiros tiveram que sair do veículo. Nós não tínhamos paciência para aguardar outro transporte, por

isso enfrentamos um longo caminho até nossos destinos. Talvez fosse castigo por falarmos mal do bairro e do ônibus. Mas uma coisa é certa: sempre ocorrem confusões no temido Ruy Pereira.

A BORRACHA DESGARRADA

Caio Douglas Germano da Silva
Luiz Eduardo Gregório Paulo

Tudo começou quando a borracha de Joãozinho, o aluno da primeira fileira, resolveu que tinha trabalhado o suficiente na vida e pulou do seu estojo. Foi uma queda aparentemente insignificante, mas tudo muda quando você está no mundo da pequena borracha chamada "Elástica".

Elástica aterrissou no chão como se estivesse saltando de paraquedas, e, de repente, todo o chão da sala de aula parecia uma terra inexplorada para ela. A sua primeira reação foi entrar em pânico. Afinal, para uma borracha, aquilo era um verdadeiro labirinto. Ela estava sozinha no mundo, cercada por migalhas de lápis, poeira cósmica e canetas caídas.

Elástica se pôs a explorar, deslizando com esforço pelo chão como uma

pequena aventureira perdida em uma floresta selvagem. Os minutos passavam, e as tentativas de retornar para o estojo de Joãozinho eram frustradas. Os colegas riam da situação, sem entender a agonia da pobre borracha.

Enquanto isso, Joãozinho começou a procurar em seu estojo freneticamente, percebendo que sua fiel amiga havia desaparecido. Ele estava à beira de um ataque de nervos, e a turma estava em êxtase observando a busca frenética. Até a professora, que deveria estar controlando a aula, estava curiosa para ver como essa história iria terminar.

Quando a situação estava no limite da loucura, Elástica, como se quisesse encerrar o espetáculo, simplesmente apareceu no centro da sala, como uma mágica. Ela estava ali, olhando para todos nós, como se dissesse: “Eu estava apenas dando um passeio”.

A sala de aula explodiu em risos, incluindo a professora, que não conseguiu resistir. Joãozinho pegou sua borracha, agradeceu aos céus e voltou

a sua atenção para a equação impossível na lousa. E assim, em um mundo repleto de números e geometria, uma pequena borracha nos ensinou que, às vezes, tudo que precisamos é dar um passo para trás e encontrar o humor nas situações mais inusitadas da vida escolar. Afinal, até as coisas mais simples podem nos surpreender quando resolvem protagonizar sua própria comédia.

Era mais uma manhã daquelas que você preferiria passar dormindo. Contudo, a professora de Matemática entregou, com toda a paciência do mundo, as provas finais. Ainda tive muita pena de mim porque não havia mais tempo para pensar em história nenhuma. E, na verdade, eu só tinha mais essa chance para não ficar reprovado, de novo, no segundo ano. Portanto, só me restava manter os olhos abertos, a sanidade intacta e tentar resolver bem as equações para tirar 80 pontos.

O GRANDE CONCERTO

Emilly Vitória Duarte de Souza Silva
Samuel Cordeiro da Silva

Naquela manhã clara e quente, os calouros chegavam ao IF. Adolescentes reunidos de mochilas e uniformes impecáveis adentravam aquele espaço que, para eles, era mais que um simples *campus*, era um universo cheio de descobertas e desafios. A escadaria, palco inicial dessa sinfonia cotidiana, enchia-se de vozes animadas e risos juvenis pontualmente às sete horas da manhã.

O *campus* despertava para mais um dia de aprendizado, quando os calouros animados ganhavam energia. Era como se cada corredor fosse uma caminhada para o palco principal, e os músicos eram os estudantes ávidos por conhecimento. Em algumas das salas de aulas, os professores assumiam seus papéis como regentes de uma orquestra educacional, *slides* e pilotos como suas batutas conduziam os calouros por partituras repletas de notas.

Cada aula era um movimento único, uma melodia que se misturava aos sons dos cadernos sendo folheados e das cadeiras sendo arrastadas. O intervalo era um momento especial para todos, repletos de brincadeiras, conversas, comidas e, é claro, danças do TikTok. E assim, os calouros se esbaldavam daquele momento de minutos, mas recheado de muitas coisas boas. Com o soar da sirene programada, final do intervalo, novas melodias e novos desafios.

Cada disciplina era um estilo musical diferente, exigindo dos músicos habilidades distintas. Uns se destacavam pela contagem e ritmos enquanto outros jogavam de suas janelas as defenestrações...

O último ato do concerto diário dos calouros se desenvolvia ao deslanche da manhã e no desfecho das aulas, nos corredores, na troca de conversas e anotações das aulas. Mochilas pesadas se enchiam de tarefas e conhecimentos acumulados ao longo do dia. O cansaço, porém, era compensado pela sensação de dever cumprido e pela expectativa do próximo recital dessa jornada acadêmica. Ah, como é bom ser calouro!

A SURPRESA

Fernando Tarquínio de Melo
Marcelle Beatriz Santos Costa

Os corredores estavam agitados. Algo especial estava para acontecer. Os sussurros se espalhavam tão rápido quanto a correria dos alunos ao escutar o toque do sinal, e o segredo estava guardado a sete chaves. Era um aniversário-surpresa para Juzelly, a professora mais disciplinada de toda a escola.

No entanto, nem tudo foi como o esperado. Uma briga repentina ocorreu entre dois alunos, Fernando e Marcelle, que discutiam o sabor do bolo de aniversário da professora.

– Era bolo de chocolate, seu inútil! – disse Marcelle prestes a matar seu colega de classe.

– Mana, o combinado foi bolo de morango desde os primórdios! – disse

Fernando, convicto de sua afirmação.

– Vou te mostrar o que é morango! – gritou Marcelle irritada.

Sem nem pensar, com um movimento rápido e preciso, Marcelle lançou o bolo em Fernando, atingindo em cheio seu rosto e quebrando seus óculos. A parte da cobertura de chocolate voou pela sala de aula, melando as paredes e até o quadro branco.

Com medo do que iria acontecer, os demais alunos intervieram na briga, e os sujos de bolo resolveram se acalmar, pois a grande surpresa ainda não tinha acontecido.

Às 10h30min, a hora mais esperada finalmente chegou. Todos se esconderam atrás das carteiras para aguardar a pro-

fessora. Todos estavam ansiosos e apreensivos. No entanto, algo que nunca se passou em toda história dessa escola aconteceu: Juzelly, que nunca faltava uma aula, não estava presente naquela manhã.

Todos ficaram bastante chateados e chocados pelo fracasso da surpresa, mas, para se animarem, resolveram comer o que Fernando e Marcelle não conseguiram destruir.

A PORTA AÇUCARADA

Gisele Cristina do Nascimento Silva
Larissa Vital da Silva

O momento mais misterioso dentro da sala de aula é quando o sinal toca

pela penúltima vez. Na sala, há quarenta alunos, dos quais vinte somem, dez estão dormindo, e o restante parece estar disputando quem pisca o olho primeiro com o relógio. Mas o curioso desse mistério está na palma da mão, ou melhor, no pulso do braço. À medida que o tempo passa, os alunos criam uma conexão mais forte com a porta; alguns vão ficando mais perto, mas sempre tem um aluno que já está de mãos dadas com a maçaneta.

Eu, como professora, nunca entendi a afinidade desses alunos com essa porta. Não sei se, com o passar do tempo, ela vai ficando mais doce ou algo do tipo. Então, nesse mesmo dia, decidi segui-los e descobrir para onde eles vão após o tão esperado último toque do sinal.

Andando no meio daquela multidão, achei um único aluno educado naquela escola. Perguntei à sua turma, mas ele simplesmente não me respondeu. Eu não o conhecia, mas o observei junto aos demais e vi todos brigando por um lugar na fila do almoço, fila aquela que era o verdadeiro mistério por trás da porta açucarada.

Pobre coitado, embora não tivesse me respondido, senti pena dele. Não sei se ele era mudo ou algo do tipo. Ao che-

gar na fila do almoço, ele era pisoteado por todos, e lá ficava, mesmo sem ter auxílio de alimentação. Mas como eu poderia avisar isso a ele, se ele nem ao menos me escutava nem me respondia?

Ele era loirinho, de olhos escuros, provavelmente fazia algum curso superior, até porque nunca o vi em minhas aulas. Enquanto todos passavam pela sua vez na fila, ele era impedido até de entrar e, no fim da tarde, acabava comendo o resto do almoço de alguém.

Então, todos os dias após minha aula, seguia o mesmo caminho e via o pobre coitado passar pelas mesmas coisas. Certo dia, tirei um almoço da minha bolsa para ele. De repente, ele correu até mim, pulou em cima de mim, me lambeu inteira. Fiquei sem entender, mas dessa vez ele me respondeu, e agradeceu falando “aubrigado”.

O CHEIRO

Júlia Beatriz da Silva
Júlia Letícia Damascena da Silva Galvão

Nunca gostei de faltar aula, mas naquele dia em particular, gostaria de ter faltado. O cenário para o acontecimento catastrófico era perfeito: uma professora belíssima, sofisticada e refinada dando aula para uma turma bagunceira e barulhenta.

No fundo da sala, onde nos sentávamos eu e meus amigos, surgiu um odor completamente desagradável.

– Gente, que cheiro é esse? – indagou Larissa, uma das minhas colegas.

Em meio àquele cheiro terrível, tirei da minha bolsa um agente combatente: o famoso perfume. De início, pensei ser uma boa ideia, pois o fedor estava amenizando, mas então ele começou a se misturar com a fragrância do perfume, tornando tudo o que estava ruim, pior. Conforme o odor se espalhava, ficavam nítidas as caretas do resto da turma, com alguns alunos até passando mal, e outros tossindo com o "ar tóxico".

A professora, confusa com toda aquela agitação repentina, respirou fundo e logo entendeu. Ao esboçar uma reação de nojo, pegou o piloto e escreveu no quadro: "Banheiro também é lugar de soltar flatulência!".

VOLTANDO PARA A TERRA

Júlia Stephany Silva do Nascimento
Raphael Ybson Dos Santos Leandro

Desde o meu primeiro dia de aula no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, percebi que sou um aluno desatento nas aulas, sempre perdido em pensamentos. Observava cada detalhe ao meu redor, mas a aula parecia um borrão para mim.

Com minha mente inquieta, não consigo ficar focado na aula por muito tempo. A voz do professor se torna um murmúrio distante enquanto estou contando a quantidade de ladrilhos que minha sala de aula possui. 16, 300, 1.007, 2.675, 3.207... e, finalmente concluindo minha contagem, descubro que a sala possui aproximadamente 4.672 ladrilhos.

Sempre atento aos detalhes. Mais uma vez, me distraio com a lâmpada do teto, nunca havia parado para olhar seus detalhes, agora parece um bom momento. Nunca pensei que minha atenção (ou a falta dela) me faria mal nas provas. Mas, afinal, parece que prestar atenção nos quatro cantos da sala não vai me fazer passar de ano. Pensei e pensei, então vi a palavra escrita em negrito: REPROVADO.


editoraifrn

AS ORGANIZADORAS



Juzelly Fernandes Barreto Moreira
Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFRN e doutora em Linguística Teórica e Descritiva.



Magda Renata Marques Diniz
Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFRN e doutora em Estudos da Linguagem.



Mayara Kedna Duarte de Souza
Estudante do Curso Técnico Integrado em Edificações do IFRN – *Campus* São Gonçalo do Amarante.

A Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 250 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didáticopedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a Editora IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.

editoraifrn

Contando e cronicando sobre nossa vida escolar é uma coletânea escrita por estudantes do IFRN – *Campus* São Gonçalo do Amarante. Com uma linguagem leve, criativa e cheia de personalidade, os textos revelam o cotidiano escolar sob múltiplas perspectivas: o humor das situações inusitadas, os desafios da adolescência, os laços de amizade, os sonhos que se constroem entre salas de aula, corredores, ônibus lotados.

Entre provas, paixões, medos, descobertas e pequenas revoluções, os autores nos convidam a revisitar a escola como um espaço de vida pulsante, onde se aprende muito além dos conteúdos curriculares. É um retrato sensível e autêntico da juventude que vive, sente e transforma o ambiente escolar.

Ao dar voz aos estudantes, esta coletânea literária nos lembra da importância de valorizar suas narrativas, seus olhares e suas formas de existir no mundo. Uma leitura que emociona, diverte e inspira as(os) que já foram, de alguma forma, alunas e alunos, pertencentes ao espaço escolar.

9 788583 333487

editoraifrn

EDITORA ASSOCIADA À ABEU
abeu.org.br

INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte